

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Género e Desporto: o caso do Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*
(1980-2023)

Ana Balbina Camacho Gonçalves

Dissertação de Mestrado em Estudos das Mulheres: Género, Cidadania e
Desenvolvimento

Dissertação orientada pela Professora Doutora Teresa Joaquim

2024



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Agradecimentos

Neste percurso que escolhi e que percorri com os contratemplos próprios de quem elabora um estudo empírico e depende, muitas vezes, da vontade de terceiros em querer/poder ajudar, gostaria de agradecer a todo(a)s o(a)s que me apoiaram, nomeadamente: à minha orientadora, Professora Doutora Teresa Joaquim, pela disponibilidade e tolerância neste processo, aos dirigentes do *Club Sport Marítimo* pelo apoio na pesquisa e à minha família que esteve sempre lá quando precisei.

Dedicatória

A vocação existe. Como existirá para o padeiro, para o sapateiro, para o contabilista. Mas há um equívoco geral quando se fala de teatro, ou de “talento para o teatro”, ou de “jeito para ator”. Um exemplo muito claro disso é o dizer-se que um[a] futebolista está a fazer teatro quando finge ter sofrido uma falta. A atriz tem um irmão que é jogador de futebol. E sabe que o teatro é o contrário do fingimento. Como podemos inventar a verdade? É um mistério, mas acontece.
(Pires, 2022, p. 8)

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha mulher.



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.^a série, n.º215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my dissertation with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the dissertation elaboration.

I further declare that I have fully acknowledge Disciplinary regulations of Universidade Aberta (published in the Diário da República, 2nd series, no. 215, of 6 November 2013).

Universidade Aberta, 10 de maio de 2024.

Género e Desporto: o caso do futebol feminino no *Club Sport Marítimo*
(1980-2023)

Resumo: Pensar género e desporto e trazer estas duas realidades para um estudo de caso sobre a modalidade de Futebol Feminino é atual, sabemos, mas nem por isso menos pertinente, já que a Dissertação de Mestrado em Estudos das Mulheres: Género, Cidadania e Desenvolvimento se nos tem apresentado como um constante desafio. A este estudo não é alheia a história de vida da autora que viveu, na década de oitenta do século XX, um percurso no Futebol Feminino, precisamente no *Club Sport Marítimo* que, naquela altura, iniciava a aposta na modalidade. Neste estudo de caso, procurámos apurar os problemas de uma instituição largamente genderizada, alicerçando-nos numa intensa pesquisa empírica, nomeadamente conversas informais, entrevistas de profundidade e inquéritos aos atuais e antigos atores no terreno. Foi, igualmente nossa intenção trazer os(as) teórico(a)s à discussão de um tema transversal como a equidade de género e as problemáticas que consigo transporta, mesmo tratando-se do seio de uma modalidade desportiva, centrando-nos num universo insular de um dos clubes presente na Liga BPI (primeira Liga) do campeonato português que tem, em 2023, duas atletas na Seleção A portuguesa. Este trabalho permitiu-nos comparar realidades desportivas e sociais, com uma distância de quatro décadas entre elas, e acreditar que, no século XXI, a aposta feita pela Federação Portuguesa de Futebol ajudará os clubes a impulsionar a formação, o desenvolvimento e a profissionalização das atletas de Futebol Feminino, haja vontade política e investimento financeiro.

Palavras-chave: futebol feminino, género, desporto, insularidade, visibilidade

***Gender and Sport: the case of women's football in Marítimo Sport Club
(1980-2023)***

Abstract: *Thinking about gender and sport and bringing these two realities to a case study on Women's Football is current, we know, but no less relevant, since the Master's Dissertation in Women's Studies: Gender, Citizenship and Development has presented us with a constant challenge. This study is not unrelated to the life story of the author who lived, in the eighties of the twentieth century, a journey in Women's Football, precisely in Club Sport Marítimo, which, at that time, began to bet on the sport. In this case study, we sought to ascertain the problems of a largely genderized institution, based on intense empirical research, namely informal conversations, in-depth interviews, and surveys of current and former actors in the field. It was also our intention to bring the theorists to the discussion of a transversal theme such as gender equity and the problems it carries with it, even when it is within a sport, focusing on an insular universe of one of the clubs present in the BPI League (first league) of the Portuguese championship that has, in 2023, two athletes in the Portuguese National Team. This work allowed us to compare sports and social realities, four decades apart, and to believe that, in the 21st century, the bet made by the Portuguese Football Federation will help clubs to boost the training, development and professionalization of female football athletes if there is political will and financial investment.*

Keywords: *women's football, gender, sport, insularity, visibility*

Índice

Introdução	12
------------------	----

PARTE I - GÉNERO E DESPORTO NA VIRAGEM DO SÉCULO

1. A modalidade desportiva de Futebol	16
1.1 O Futebol Feminino regional	20
1.1.1 Das escolas aos clubes: vontade de jogar e vocação	23
1.1.2 História, hiatos e realidade: o estatuto desportivo das atletas	26
2. Questões de género no desporto amador	34
2.1 Família, educação e estigma social	40
2.2 O Futebol no <i>Club Sport Marítimo</i>	42
2.2.1 Futebol Feminino – escalões de formação	43
2.2.2 O Futebol Feminino: escolaridade, mobilidade e internacionalização	44
2.2.3 Promoção e desenvolvimento: investimento, imprensa e redes sociais	45

PARTE II - METODOLOGIA

3. Metodologia adotada	49
3.1 Questão principal	50
3.1.1 Questões específicas	50
3.2 Objetivo principal	50
3.2.1 Objetivos específicos	50
3.3 Teorias de alicerce	51
3.3.1 Modelo de análise	52
3.4 Mapa conceptual	53
3.5 Entrevistas com quadros de direção	53
3.6 Entrevistas e inquéritos a jogadoras	54
3.7 Observação direta: treinos e jogos	55
4. Análise de resultados	56
4.1 Inquérito às atletas de Futebol Feminino do <i>Club Sport Marítimo</i> – análise de dados por comparação com a realidade atual e a década de oitenta do século XX	57

PARTE III – SÉCULO XXI: FUTEBOL NO FEMININO

5. Organizações desportivas nacionais e internacionais para o Futebol -----	68
6. Eventos desportivos: Futebol no feminino-----	71
7. Atletas do século XXI: o caminho para a profissionalização -----	75
Conclusão-----	75
Bibliografia-----	79
Apêndices-----	91
Apêndice I - Inquérito por questionário a antigas atletas de Futebol Feminino do <i>Club Sport Marítimo</i> -----	92
Apêndice II - Inquérito por questionário a atuais atletas de Futebol Feminino do <i>Club Sport Marítimo</i> -----	96
Anexos -----	100
Anexo I – Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em Estudos de Investigação -----	101

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 4.4.1 - Gráfico relativo à fase em que iniciaram, no <i>Club Sport Marítimo</i> , a prática da modalidade de Futebol Feminino-----	57
Gráfico 4.1.2 - Gráfico relativo ao nível de escolaridade das atuais atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> -----	58
Gráfico 4.1.3 - Gráfico relativo à profissão das atuais atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> -----	58
Gráfico 4.1.4 - Gráfico relativo à idade de início de atividade das antigas atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> -----	59
Gráfico 4.1.5 - Gráfico relativo ao nível de escolaridade atual das antigas atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> -----	59
Gráfico 4.1.6 - Gráfico relativo à atual profissão das antigas atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> -----	60
Gráfico 4.1.7 - Gráfico relativo à forma como as atuais atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> avaliam os locais de treino-----	60
Gráfico 4.1.8 - Gráfico relativo à forma como as atuais atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> avaliam os equipamentos fornecidos-----	61
Gráfico 4.1.9 - Gráfico relativo à posição das antigas atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> relativamente aos locais de treino-----	61
Gráfico 4.1.10 - Gráfico relativo à posição das antigas atletas de Futebol Feminino no <i>Club Sport Marítimo</i> relativamente aos equipamentos fornecidos-----	62
Gráfico 4.1.11 - Gráfico relativo à vontade das atletas de Futebol Feminino do <i>Club Sport Marítimo</i> relativamente à profissão de futebolista profissional-----	63
Gráfico 4.1.12 - Gráfico relativo à vontade das atletas de Futebol Feminino do <i>Club Sport Marítimo</i> relativamente à profissão de futebolista profissional-----	64
Gráfico 4.1.13 - Gráfico relativo à vontade das atletas de Futebol Feminino do <i>Club Sport Marítimo</i> relativamente aos seus direitos-----	64

ÍNDICE DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

AFALGARVE – Associação de Futebol do Algarve

COI – Comité Olímpico Internacional

CSM – Club Sport Marítimo

FPF – Federação Portuguesa de Futebol

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

PFO – Portugal Football Observatory

PFS – Portugal Football School

RAM – Região Autónoma da Madeira

UEFA – Union of European Football Associations

Introdução

Da nossa formação enquanto adolescente fez parte a participação como atleta da modalidade de Futebol Feminino, no *Club Sport Marítimo*, Funchal/Madeira. Durante aquele período deparámo-nos com as dificuldades inerentes à implementação de uma modalidade que, embora com adesão por parte de jovens atletas, padecia de significativo investimento por parte da direção do clube. Este desinvestimento refletia-se não só, no nosso conforto como atletas (ex: na qualidade dos equipamentos que vestíamos), como nos espaços e horários em que praticávamos, sobretudo, a modalidade de Futebol de Onze. A par destas dificuldades havia ainda a condição de modalidade amadora associada, que deixava a profissionalização longe dos nossos horizontes.

Hoje, na década de vinte do século XXI, a realidade é um pouco diferente, mas as dificuldades, face ao parco investimento nas diversas modalidades de Futebol Feminino (Futebol de Onze ou Futsal) mantêm-se, pelo que pretendemos desenvolver um estudo que ajude a, por um lado, compreender a atual realidade socio-desportiva em que as atletas do Futebol Feminino se inserem (no clube e na Região) e, por outro, as parcerias que cabem ao clube e ao Governo Regional (da Região Autónoma da Madeira) desenvolver para que o Futebol Feminino se afirme enquanto modalidade desportiva profissional. A par deste quadro, da organização da modalidade, há ainda questões relacionadas com as atletas: que percursos desde a formação à profissionalização? Que problemas encontram para se afirmarem? Que aspirações têm na sua profissionalização e que resultados e benefícios isso lhes traz?

Nesta altura, entenda-se o ano de dois mil e vinte e três, assiste-se a um forte ímpeto no investimento à escala global, por parte da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) da *Union of European Football Associations* (UEFA) e das federações nacionais e clubes, à escala regional. Os órgãos ligados ao Futebol apressam-se a fazer incluir as mulheres no Futebol, financiando a modalidade e dando-lhe protagonismo num modelo de competição idêntico ao masculino.

A programar o crescimento da modalidade há fortes campanhas publicitárias, assinatura de protocolos entre empresas europeias (Euronics) e nacionais (Grupo Sonae) e parcerias, como na organização da *Women's Champions League* pela Federação Portuguesa de Futebol. Acresce a esta dinâmica a recente criação de um Observatório sob a égide da

Portugal Football School cuja recolha e análise de dados vem ajudar a modalidade em todas as suas variantes, incluindo o desenvolvimento do Futebol Feminino na Região Autónoma da Madeira.

Serão os jogadores masculinos os modelos das mulheres? As mesmas mulheres que sofrem discriminação? A partir da observação do documentário *Outraged. Football Tecklas Discrimination* (2020), recentemente lançado pela *Union of European Football Associations* (UEFA) percebemos que, internacionalmente, existem movimentos que tendem a ajudar a progredir favoravelmente a realidade desportiva no Futebol, que se quer mais justa, mais igualitária e mais promissora se considerarmos a nova forma de abordagem das questões de género. Veremos, de futuro, se esta e outras iniciativas ajudaram a consciencializar a sociedade para esta problemática, numa altura em que as mulheres, em rutura social, isoladas e em crise possam ser vistas como “mais fáceis de dominar”.

Tendo dividido o nosso trabalho em três partes temos um primeiro capítulo intitulado *Género e Desporto na viragem do século*, abordamos no ponto um, intitulado *A modalidade desportiva de Futebol*, a realidade regional no momento e, no ponto dois, intitulado *Questões de género no desporto amador*, as questões relacionadas com a igualdade de género e as problemáticas relativas à profissionalização. A parte dois é dedicada à metodologia adotada e, a parte três, intitulada *Século XXI: Futebol no feminino*, as questões mais atuais desta problemática.

Foram estas e outras questões que nos moveram num estudo que esperamos poder contribuir, por um lado, para o melhor conhecimento desta realidade desportiva regional e, por outro, para que se conheçam os problemas com que as atletas, enquanto mulheres, se deparam no exercício da modalidade e nas suas aspirações relativas à profissionalização.

PARTE I - GÉNERO E DESPORTO NA VIRAGEM DO SÉCULO

Neste capítulo procuramos refletir sobre a modalidade desportiva de Futebol executada por mulheres, no seu percurso entre a prática social (o *hobby*), o estatuto amador e o profissional e o que é que a viragem de século trouxe de favorável ao desenvolvimento de uma prática com condições tão dignas quanto as dos praticantes masculinos, dominantes desde a criação da modalidade. Trataremos da sua instituição e da diferença entre jogar ou simplesmente praticar, já que muitas das jogadoras que vieram a integrar equipas de clubes desportivos o fizeram a partir de uma prática social de lazer, ao invés de investirem numa prática com objetivos futuros profissionalizantes.

Na Região Autónoma da Madeira não aconteceu de forma diferente da que se registava a nível nacional, tendo a prática desta modalidade desportiva, em ambiente escolar, ajudado a recrutar atletas que vieram a dedicar-se à modalidade e a participar de um processo de afirmação em sede de clube. O processo não foi contínuo e crescente, como desejado para qualquer modalidade, mas rico em hiatos, altura em que os clubes, não apoiando a modalidade, se viam sem atletas praticantes.

Com a viragem de século e sobretudo com o investimento das organizações internacionais e nacionais nas modalidades praticadas por mulheres, a que não foram indiferentes os movimentos globais que há muito lutam pela igualdade de género, chegou finalmente a vez do Futebol, tendo os apoios e incentivos financeiros servido de alicerce ao que, na terceira década do século XXI se assiste: um autêntico crescendo do número de atletas, com grande investimento na formação e, por conseguinte, um crescendo da modalidade. O *Club Sport Marítimo* não foi alheio a esta realidade e assiste-se hoje a uma reestruturação do departamento, com uma presença crescente de mulheres em cargos de responsabilidade desportiva.

1. A modalidade desportiva de Futebol

Foi no último suspiro do 13º jogo que Portugal conseguiu a primeira presença de sempre no Mundial. (Mais futebol, 2023)

O Futebol, tal como o conhecemos hoje e de acordo com registos da FIFA¹, terá surgido em Inglaterra, em 1863 e é resultado de uma rutura desencadeada pelos jogadores, relativamente às regras da popular modalidade desportiva do Rugby e do que designavam por *Football*. É devido a este questionamento e às iniciativas de inovação de alguns praticantes, que se desencadeia a discussão das regras ou código de Cambridge. O termo *Football* era mais utilizado pela classe popular e *Soccer*, o termo adotado pela classe alta. Naquela época, Universidades e Clubes, em conjunto, propunham-se introduzir regras², que ainda hoje se encontram em vigor, como por exemplo, a mais diferenciadora e a que mais separou as duas modalidades: a limitação do jogo no contacto da bola com as mãos. Esta questão, da proibição da mão, vista de outra forma, não é apenas uma questão de ordem técnica, mas de o atleta ter física e mentalmente consciência de que tal prática é interdita no Futebol, obrigando-se, ao invés, a privilegiar a utilização da cabeça (Müller, 2008). Como resultado da grande aceitação da mudança, e já com regras e públicos bem definidos, foi criada a *Football Association*, órgão que até aos dias de hoje rege a modalidade em Inglaterra e que, de forma bem rápida, foi replicada em outras geografias, territórios britânicos colonizados e no mundo, de tal forma que no início do século XX e com a grande difusão, se funda a Federação Internacional de Futebol Associado, comumente conhecida como FIFA³.

Atentas e interessadas, as mulheres, em 1894 e de forma muito particular, são convidadas a jogar através de um anúncio num jornal de tiragem local feito por Nettie J. Honeyball⁴, que convoca as mulheres para a prática deste desporto. Em 1895, Lady Florence Dixie fundou o *British Ladies Football Club* de que se tornou capitã de equipa. Sem certezas de que utilizaria o seu nome verdadeiro (fator comum nesta realidade), esta Sufragista viu na

¹ Fundada em a 21 de maio de 1904, em Paris, atualmente tem sede em Zurique, na Suíça. É uma associação internacional, sem fins lucrativos, filiada no Comité Olímpico Internacional e que dirige e coordena as associações de Futebol, Futebol de Praia e Futsal.

² “O primeiro jogo da história dos confrontos internacionais teve como intervenientes a Inglaterra e a Escócia [...] sistema 1-1-8 e 2-2-6 [...] revela que a tática estava apenas engatinhando.” (Sérgio, 2015, p. 43).

³ Hoje presidida por Gianni Infantino “com a promessa de construir uma nova FIFA, erigida sob a bandeira da transparência, da ética e da luta contra a corrupção.” (Burlamaqui, 2022, p. 164).

⁴ Cidadã inglesa que usava este nome que se supõe ser um pseudónimo.

prática da modalidade uma oportunidade para uma representação feminina no parlamento, já que este desporto era praticado de forma voluntária, por trabalhadoras fabris e mulheres de classe média e atraía grandes multidões, fazendo valer a sua força e legitimando a ideia de que: “A luta pelos direitos das mulheres que jogam futebol está muito interligada e coincidiu com a ascensão das Sufragistas” (East, 2022). Não contrariando, antes pelo contrário, Camille Plagia (2018) refere no capítulo de um dos seus livros, nomeadamente o capítulo dedicado ao “feminismo pró-futebol”, que não só é compatível (Futebol e feminismo) como reforça que essa aliança “constitui uma das melhores ferramentas pedagógicas para mostrar às mulheres como agir num “ambiente hostil” (Plagia, 2018, p. 166). Apesar disso, na prática, as mulheres foram somando críticas pouco favoráveis, uma vez que as diferenças físicas dos corpos no campo desportivo do Futebol, contrariavam as lutas de muita virilidade, um desvio construído tornando difícil entender-se este fenómeno desportivo no feminino, uma vez que relacioná-lo com as condições económicas e sociais das sociedades, à época, seria contrariar-se uma história de poder e dominação masculina sobre as mulheres, numa transgressão da naturalidade feminina - os apelos para contrariar foram de tal forma fortes, que levaram a entidade reguladora do Futebol, a *Football Association*, em 1901, a proibir a prática do Futebol pelas mulheres. Contudo, esta proibição não as inibiu de continuarem a jogar e, anos mais tarde, aproveitando a suspensão dos jogos de 1914-15, da Liga masculina, no início da Primeira Guerra Mundial, as mulheres inglesas, não só praticam, como utilizam os jogos como forma de amealharem dinheiro para o “esforço de guerra” (1914-1918) que, com o agravamento da mesma, passou, não apenas a defender, mas a encorajar a sua prática, chegando-se mesmo a dizer, por essa altura, que a prática desportiva era encarada como algo de bom e saudável para as mulheres.

A partir das narrativas históricas, porém, com a guerra terminada, pese embora o Futebol tivesse benefícios para todos e todas, são elas que são convidadas a abandonar os espaços públicos desportivos e levadas a praticar modalidades que prejudicassem menos a verdadeira função feminina da família (Pimentel, 2000), como a maternidade e o seu valor estético, num regresso acentuado à domesticidade, inibindo a inversão da hegemonia social masculina. Obrigadas, retiram-se destes espaços, com uma forte convicção na sua contribuição da primeira⁵ onda feminista, ao conseguirem direitos como o direito ao voto, o direito ao

⁵ 1ª vaga: da Revolução Francesa até 1949; 2ª vaga: de 1949 até 1990; 3ª vaga: de 1992 até 2006; 4ª vaga: desde 2006 (Vicente, 2019).

trabalho e à propriedade (Vicente, 2019). Em Portugal, foram os nossos políticos que das pretensões feministas não só duvidaram, como questionaram, pois, “também o homem não tinha essa “liberdade” absoluta que ela reclama para si.” (Pimentel, 2000, p. 27). Perduraram as reivindicações feministas e foram-se somando mais direitos fundamentais para a mulher.

Proibida a prática desportiva e exposição no espaço público, no início do século XX e o consequente domínio da mulher sobre os destinos do seu próprio corpo, foi de tal forma intimidatório, que é apenas em 1971 que no país onde tudo começou (Inglaterra), se consegue trazer o Futebol Feminino de volta à cena pública, numa altura em que, segundo Lúcia Amâncio (2003), nasce e se difunde nas ciências sociais, sob o:

[...] intenso debate que o feminismo da segunda vaga gerou, [...], se considerarmos a cronologia de alguns textos de referência, como o de Ann Oakley (1972) para a sociologia, o de Rhoda Unger (1979) para a psicologia social e o de Joan Scott (1988a) para a história. (Amâncio, 2003, p. 687)

Nestas vagas feministas há claramente aspetos associados que Judith Butler denuncia assim. O:

[...] próprio género torna-se um artifício oscilante, com a consequência de que um *homem* e *masculino* podem significar um corpo feminino com a mesma facilidade que podem significar um corpo masculino, e *mulher* e *feminino* um corpo masculino com a mesma facilidade que um corpo feminino. (Butler, 2017, p. 62)

Estamos perante uma forma de abordar o género na escolha, e os direitos da mulher, na forma, que à sociedade melhor convém, em épocas dominadas pelo poder político masculino?

O Futebol sabemos ser de uma exigência e contacto físico muito grande, não se encaixando, na maior parte das vezes, no modelo dominante de feminilidade, sendo visto como uma modalidade “pouco feminina” o que fez com que, ao longo do tempo, as mulheres se inibissem da sua prática, na medida em que o desafio à participação era acompanhado de uma associação à masculinidade. Por outro lado, quando já praticantes, devido à pressão social e, por vezes, familiar, associavam-se a comportamentos com práticas concordantes

(ex: cabelos compridos, unhas pintadas e maquiagem, por oposição a cabelos curtos, tatuagens no corpo, ou a utilização de uma linguagem com recurso a vocabulário grosseiro), por ser a forma aceite na convivência com aquela realidade, em que, à figura da jogadora de futebol se associava o preconceito da ideia de género e a orientação sexual, o que não acontecia nas modalidades vistas como “mais femininas” (Andebol, Voleibol, Basquetebol) onde, com mais ou menos adorno de modo a manter os corpos conforme as normas sociais, eram sinónimo de representação de feminilidade e beleza.

As fortes pressões sociais e os escassos apoios de entidades oficiais ligadas ao desporto fizeram com que as atletas, que por gosto pretendiam jogar Futebol, optassem, numa primeira abordagem, por praticar outras modalidades, tendo como consequência a prática tardia de Futebol, iniciando-a sem o “perfil adequado” e apontadas como “praticantes de qualidade inferior ao homem”, sem condições físicas para projetar as suas habilidades e resistência que a própria modalidade exige.

Não obstante, na persistência e resiliência da sua prática em espaços e ambientes preenchidos por uma masculinidade hegemónica e tóxica, como nas estruturas do Futebol, e como resposta às dificuldades, ora desconstruindo ora desestabilizando a heteronormatividade constituíram-se, na maior parte das vezes, numa minoria, refugiando-se e identificando-se como “Queer”, diferentes na diversidade de condição e de escolha, no que hoje conhecemos, e que Ana Luísa Amaral simplifica citando Eve Sedgwick, como uma: “mistura de possibilidades, hiatos, dissonâncias, ressonâncias, saltos e excessos de sentido [...]” (Segwick apud Amaral, 2001, p. 16) dando ênfase às “[...] interligações entre sexo, sexualidade e género” (Macedo & Amaral, 2005, p. 185), construindo e modelando, de forma harmoniosa, o seu corpo e a sua consciência individual, repelindo condicionamentos de ordem social. E que, como defendido por Brian Pronger, o desporto não se venha a tornar num “[...] veículo de exploração do significado da homossexualidade e, além disso, de compreensão do sexo e do género como partes fundamentais de nossa cultura.” (Pronger apud Camargo, 2008).

Noutras geografias, a expansão do Futebol ganhou contornos não só políticos, mas essencialmente económicos, com a realização de protocolos e acordos comerciais importantes, nomeadamente com a Coca-Cola e a Adidas para “colocar em prática seu programa ousado de construção de uma nova ordem futebolística” (Burlamaqui, 2022, p. 168) que veio a resultar em pleno, alargando-se no masculino e no feminino, embora “A

história do futebol feminino [seja] particular [...] pelo investimento tardio [e] [...] hierarquia desportiva” (Rosa, 2020, p. 79).

Com a persistência e vontade na prática desta modalidade desportiva e de forma generalizada, com maior compreensão e aceitação do fenómeno, em 1984, realizou-se na Suécia, o primeiro Campeonato Europeu⁶ oficial, um território sempre pioneiro e que propiciou avanços no que respeita aos direitos da mulher. Em 1991, a FIFA organiza o primeiro Campeonato Mundial de Futebol Feminino e, em 1996, a modalidade é disputada, pela primeira vez, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos da América – modalidade reconhecida pelo Comité Olímpico, em 1994. É ainda, durante esta década que, com o impulso internacional da modalidade, alguns países incluem a igualdade de género nos princípios orientadores dos órgãos de decisão e conselhos desportivos.

“As mulheres são o futuro do futebol”. A previsão pode parecer arriscada, mas foi feita por um responsável da FIFA. As palavras são, segundo a Globalesporte.com, do presidente da FIFA, Joseph Sepp Blatter⁷. (Blatter apud Globalesporte.com, 2013)

Segundo Blatter, um dos pilares para o desenvolvimento da modalidade de Futebol Feminino é o trabalho conjunto desenvolvido pela FIFA e as federações nacionais. O objetivo é mostrar que competições disputadas por mulheres, também despertam interesse no público e, conseqüentemente, ajudam a incrementar as cotas de patrocínio e outros negócios relacionados com esta prática desportiva.

1.1 O Futebol Feminino regional

Embora sem registos escritos ou de imagem, alguns historiadores defendem que foi em 1875, no Largo da Achada situado na Camacha, ilha da Madeira, que um jovem estudante britânico em férias, Harry⁸ Carvelery Hinton promove aquele que é considerado o primeiro jogo de “Foot-ball” em Portugal⁹, a exemplo do que acontecia na sua terra natal, tendo esta

⁶ A realização deste evento na Suécia, não pode ser desassociado do facto de, naquele país permitirem, desde muito cedo, o voto às mulheres. Foi igualmente a norte, na década de oitenta do século XX, que surgiu a primeira chefe de estado mulher e onde as mulheres são altamente representadas no parlamento.

⁷ 8º Presidente da FIFA (8 de junho de 1998-21 de dezembro de 2015).

⁸ “Harry Hinton, que conforme atesta a sua correspondência particular, também assinava como Henry Hinton [...]” (ABM, 2020, idd n.º 164, p. 4).

⁹ Igual registo tem a Federação Portuguesa de Futebol.

prática propagando-se por toda a ilha. Graças a esta iniciativa e devido ao entusiasmo dos praticantes, os “Marítimos do Almirante Reis”¹⁰, que muito cedo começaram a jogar entre pares e com equipas inglesas¹¹, fundam, a 20 de setembro de 1910, o *Club Sport Marítimo*.

À época, a qualidade que apresentavam nos seus esquemas técnico-táticos era tal, que levou Cosme Damião, jogador fundador e mais tarde, técnico e dirigente do *Sport Lisboa e Benfica*, a convidar os insulares para uma primeira deslocação a Lisboa e, numa segunda oportunidade, em 1926, a convidar os jogadores do *Club Sport Marítimo*, como representantes da ilha, a participar nas competições nacionais, onde conquistam, pela primeira vez, a Taça de Portugal. “Hurrah! A Madeira venceu por 2-0. Quinze minutos depois a grande notícia já se tinha espalhado... à sede do Marítimo afluíram milhares de pessoas.” (Santos, 1989, p. 184).

Datado de janeiro de 1971, quando se retoma o Futebol Feminino em Inglaterra, lia-se, em título, a propósito da mensagem de Ano Novo do Chefe de Estado português: “Salazar: Um homem diferente de todos os outros Homens”. Num outro artigo com o título “Desporto... Filosofia... Cultura”, da autoria do Professor Manuel Sérgio, lança-se a questão: “Será o desporto uma propriedade metafísica do homem? Quero eu dizer: será o desporto uma vocação pessoal do homem, que o ajuda na sua própria auto-afirmação?” (ibidem) e acrescenta, que o desporto, para além de ser uma autêntica manifestação humana é igualmente um ato criador, equiparando o desportista a um poeta, a um filósofo, a um artista, na forma como encara a vida (Sérgio, 1971). “O futebol é um importante fenómeno social” (“O Futebol. Importante”, 1972) lê-se no jornal que edita um trabalho do Professor Rui Silva, autor que se propõe estudar o Futebol, explanando sobre o jogador e sobre o espetador “dividido por diferentes estados de espírito”, sobre os negócios a ele associados “Nenhum governo pode desconhecê-lo e ninguém tem o direito de menosprezá-lo”¹² (ibidem).

Nos anos 70 apareceram as primeiras notícias sobre Futebol Feminino. Vinham de Espanha alertas de jornalistas correspondentes, informando que o Futebol Feminino

¹⁰ Campo de jogos localizado na zona velha do Funchal, onde foram depois construídos um hotel e um jardim com um monumento ao jogador de Futebol, da autoria do escultor madeirense Martim Velosa.

¹¹ É relevante referir a predominância de uma larga comunidade inglesa na ilha, desde o século XIX, com as guerras liberais e a sua importância na promoção, a par da cultura, da indústria e comércio regionais.

¹² Interessante reflexão e que se aproxima muito do que se escreve sobre Futebol que “[...] é hoje um «sistema» muito poderoso e complexo que está para lá dos estádios e das competições desportivas e invadiu o nosso quotidiano, mesmo quando não somos adeptos.” (Guerreiro, 2022, p. 144).

começava a ser encarado a sério e até se equacionava a alteração de regras (bola mais leve, campo mais pequeno, o tempo de jogo, “mas o problema era a troca de camisolas” e a nudez a que não se sujeitariam as atletas). Em 1972, assiste-se ao aparecimento do primeiro campeonato da Catalunha. Escrevia-se sobre a jogadora Bettina Wamp e a sua qualidade de rematadora (a melhor da época), propondo a sua transferência para uma equipa masculina; que Lucille Cato era tão boa jogadora que a comparavam “a um Bobby Charlton de saias” (R., 1971).

Na sequência da pesquisa efetuada no Arquivo Regional da Madeira cruzei-me mais do que uma vez com a “Crónica Desportiva de Espanha”, de um correspondente em Barcelona que tradicionalmente escrevia sobre o campeonato espanhol masculino, a dedicar um espaço ao Futebol Feminino intitulado, “O futebol Feminino em Espanha” (Gonçalves, 1972, p. 4), onde realçava que, com mais regularidade e progressão, seguia o primeiro campeonato de Futebol Feminino. É nesse mesmo ano que, desafiando a forma de ser e de estar no espaço insular, se lê: “O futebol feminino na Madeira, foi novidade e poderá em breve ser realidade” (Silva, 1972, p. 7), tratando o autor, no corpo desse mesmo artigo, o “ineditismo” do acontecimento: um jogo realizado no dia 18 de maio entre equipas femininas onde procura, com interesse, o depoimento, ao intervalo, das atletas que afirmam que “o desporto é para toda a gente independentemente do seu sexo”. Mário Silva, autor da notícia reconhece que com esse jogo podia fazer “uma habitual crónica de futebol” embora, *Coffee-shop* e *Cozinha*, fossem equipas de uma unidade hoteleira e que devido à constituição das mesmas, alguns nomes eram “camuflados”. Explica que “na segunda parte até jogaram como homens sexagenários”. As jogadoras, na sua atitude andariam muito próximas das nossas operárias no Estado Novo, que são descritas como “ambiciosas, descrentes, desprezadas e desobedientes” (Brasão, 2000, p. 116). Desta notícia reza o seguinte: pela ilha foi uma apresentação experimental com a mensagem de que também somos capazes, o que levou de imediato à ideia de que a prática regular da modalidade poderia vir a ser, em breve, uma realidade. (“O Futebol. Importante...”, 1972).

Não obstante a intermitência e escassez dos registos da modalidade, levando décadas até à sua afirmação, foi necessário um movimento global de imposição do reconhecimento da presença feminina, que acabou por ditar o percurso que hoje conhecemos. Um ano mais tarde, em 1973, como noticiado pelo Jornal da Madeira, a modalidade de Futebol Feminino foi reconhecida pela UEFA (L., 1973).

1.1.1 Das escolas aos clubes: vontade de jogar e vocação

Em meados dos anos setenta do século XX e com a vinda de quadros qualificados para a área da Educação Física na RAM, a prática desportiva é altamente promovida pela comunicação social local apelando-se à sua prática e apontando os seus inúmeros benefícios.

É através dos jornais que se convidam as mulheres para a prática do desporto, tendo para o efeito sido criada uma coluna intitulada “A mulher e o desporto”, onde se apela à participação, falando de espaços e papéis, contrariando a ideia de que com a sua prática não haveria “perca” para os gestos femininos – “Será que o facto de dizer mulher, significa falta de qualidades ou inferioridade?” (Mâncio, 1976, p. 8), questiona-se no curto e “simples” artigo de jornal –, promovendo a corrida como prática saudável “sem distinção de idade e sexo” (“Correr é saudável...”, 1976). Nesses idos anos de setenta e mesmo com o aparecimento do Desporto Escolar, onde se promoviam de forma intensa os desportos coletivos como o Andebol, o Basquetebol e o Voleibol femininos, o autor do artigo sentiu necessidade de registar sobre o facto de não existirem “equipas femininas em futebol” (Mâncio, 1976, p. 8). Mesmo ao lado, uma outra notícia sobre a curiosa e contraditória forma de estar no desporto: por um lado o apoio e por outro a indignação sob o título, “A propósito - Uma mulher no desporto”, contrariando outros apelos e vozes de uma cidade insular, como o Funchal, onde no desporto, e particularmente no Futebol, os homens ainda eram maioria na sua prática e estruturas, quiseram fazer saber que havia representação no feminino, no Conselho Fiscal do *Club Sport Marítimo*, reclamando inclusivamente a presença da mulher no espaço público desportivo, antes severamente penalizada, com o bloqueio do acesso aos espaços.

Em 1980, foi organizado pelo Atlético, na Escola Salesiana, um Festival Desportivo de Futebol de Salão (modalidade atualmente denominada de Futsal): anunciavam a “estreia de Futebol de Salão 5 (femininos)” em que o *Marítimo*, num só jogo, se fez representar por duas equipas femininas. Neste ano, por altura do seu 70º Aniversário, o *Club Sport Marítimo* abre a secção de Futebol Feminino e, em 1981, organiza o Primeiro Torneio Quadrangular da modalidade em que, para além do clube organizador, participam as seleções¹³ de Machico

¹³ Seleções regionais que se constituíam como fortes polos e núcleos de desenvolvimento do Futebol Feminino e que, embora de zonas periféricas (rurais), registavam um grande número de praticantes.

e da Camacha e o campeão nacional de Futebol de Salão, o *Sport Lisboa e Benfica*, que veio à Região defrontar-se com os clubes insulares.

Com escalão único de Futebol Feminino e com um baixo número de praticantes, o *Club Sport Marítimo* optava por efetuar os seus treinos com atletas masculinos da formação do *Marítimo*, em modelo misto, de modo a poderem preparar-se para o confronto com as outras equipas. As atletas, na sua maioria, transitavam de outras modalidades como Atletismo, Voleibol, Andebol, Basquetebol e Hóquei em Patins, o que exigia um esforço adicional de treino e preparação, pois tinham de moldar o corpo para as novas exigências físicas. Para além disso, praticar um “desporto de homens” e chutar uma bola com “toda a força possível” acabava com a ideia de que as futebolistas deixavam de ser herdeiras de características atribuídas ao sexo feminino, emancipando-se e, ao mesmo tempo, conciliando-se com a sua “esfera familiar, espaço de realização de um conjunto de comportamentos corporais ligados à sexualidade, fertilidade e consequentemente à maternidade” (Brasão, 2000, p. 112), outrora único espaço em que lhe era permitido e atribuído à sua decisão, um conjunto de comportamentos corporais, ajudando a mulher a conquistar mais espaço e a exteriorizar-se através da prática desportiva.

Um Segundo Torneio Quadrangular foi organizado em 1982 e teve como resultado do trabalho e empenho da equipa de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo* receber um convite para competir num torneio particular em território continental, como representante insular. A imprensa local deu forte destaque ao feito e enalteceu o clube organizador como vitorioso do Torneio, colocando o Futebol Feminino como “Figura da Semana” em rubrica habitual de jornal local para dar ênfase ao feito das madeirenses, publica fotos e entrevistas no recinto de treinos e faz a antevisão do Torneio de Futebol de Salão, com o treinador e algumas atletas “verde-rubras”¹⁴. Notícia ainda, mais um jogo de Futebol de Onze, um jogo extraordinário entre atletas madeirenses e atletas da formação continental, com vitória para as atletas locais. Já se assistia a *performances* bastante mais avançadas como resultado do trabalho e esforço da simples, mas eficaz estrutura do Futebol Feminino à época, sem benefícios ou incentivos financeiros em que no *modus operandi* social ainda havia a ideia e preconceito de que naquele espaço de dominação masculina as meninas eram muito másculas. O Futebol de Onze acarretava custos diferentes do Futebol Salão, diluídos e

¹⁴ Assim denominadas as atletas do *Club Sport Marítimo* cujas cores predominantes do emblema são o vermelho e o verde.

assumidos, na maior parte das vezes, pelas próprias atletas e/ou família. Os equipamentos (as botas, as caneleiras, as meias de enchimento eram um equipamento espesso e grande) e os espaços eram os viáveis, sendo muitas vezes o jogo disputado em terra batida, no Campo Jaime Moniz (Liceu do Funchal) e no cimento, para o Futebol de Salão - um ritual algo diferente com desfecho positivo e ganhador para a representação insular.

No voo da TAP TP/60, às 07:00 do dia 04 de dezembro de 1981, a equipa feminina do *Club Sport Marítimo* seguiu rumo a Lisboa para “prestigiar o clube e a região” - palavras do diretor e treinador do Futebol Feminino daquele clube. Em ambientes hostis e em condições adversas e com arbitragens de pouca qualidade – jogos entre mulheres, em que ainda não eram exigidos grandes créditos e qualificações às arbitragens –, a pouca qualidade dos recintos e acondicionamento dos espaços, com públicos por vezes pouco preparados para assistir a espetáculos no feminino, gritando palavras pouco “adequadas e respeitadoras”, fazendo lembrar o temor do eco de Coubertin¹⁵, de que as mulheres assumiam o protagonismo de um espetáculo desportivo ou que se temia popularizar o espaço desportivo de honras e conquistas em prol das mulheres. À época, com equipamentos masculinos do plantel sénior, em terras continentais com um emblema madeirense que continuava a não ser sinónimo de pouco “respeito desportivo”¹⁶, a equipa atingiu o segundo lugar. Não obstante, o apelo era muito atual: “Que todas as arbitragens sejam de toda a correção para o bom nome da modalidade, porque toda a equipa do Marítimo é bem conhecedora do verdadeiro desportivismo” (Freitas, 1981, p. 9) e o que se receava veio a acontecer: O que se passou a dado momento da partida parecia “uma batalha campal” (J.R., 1981).

Regressadas à ilha, sem competição e com aparições esporádicas no palco da equipa principal masculina¹⁷, alguma visibilidade foi conseguida. Mesmo sem vínculo e apoios de qualquer associação local de futebol, nas épocas 1983/84 e 1984/85, o resultado desportivo foi positivo, proporcionando saídas da Região para terras continentais onde conseguiram

¹⁵ Segundo Pierre de Coubertin, fundador do atual modelo dos Jogos Olímpicos, “Uma olimpíada com mulheres seria impraticável, desinteressante, inestética e imprópria” (Tozze, 2021). “Na realidade, Coubertin, em diversos escritos, manifestou reservas relativamente à participação das mulheres nos Jogos Olímpicos” (Pires, 2017).

¹⁶ “Clube lamenta o desperdício de tempo e de recursos, a única conclusão a extrair da reunião magna da Federação Portuguesa de Futebol” na disputa da atribuição de um troféu de uma competição nacional realizada em 1926. (Record, 2022).

¹⁷ Jogos da primeira divisão, na temporada 2022-23, Liga BWIN, disputados com clubes de grande dimensão, que no seu *staff* tinham pessoas ligadas à Federação e transmitiam superiormente o que observavam in loco, sendo muitas vezes responsáveis por aconselhar a mobilidade de jogadoras na participação de treinos organizados pela Federação Portuguesa de Futebol.

tornar-se filiadas pela Associação de Futebol de Setúbal, zona de jurisdição do clube para que foram convidadas a representar de forma gratuita, em que apenas assumiam os custos associados, tendo-se registado os seguintes resultados desportivos para as atletas beneficiadas:

- 1ª Atleta madeirense internacional no jogo entre França e Portugal, sábado 12 fevereiro 1983;

- 2 atletas madeirenses representaram a equipa vice-campeã do I Torneio de Futebol Feminino Nacional filiadas pela Associação de Futebol de Setúbal, na Equipa da União Recreativa e Cultural de Coia – época 1984/85.

Seguiram-se torneios um pouco por toda a parte, ora representando o *Club Sport Marítimo*, ora representando-se no seio de um grupo de atletas que se constituía em equipa e se apresentava no campo trajada com o equipamento do seu patrocinador, tal era o gosto pela prática desportiva e a vontade de superação: o importante era jogar.

1.1.2 História, hiatos e realidade: o estatuto desportivo das atletas

Não haverá, porventura História do Futebol Feminino sem considerarmos o importante fenómeno dos “hiatos”, fases em que a modalidade não acontece por falta de equipas, devido à falta de investimento no Futebol Feminino: as mulheres que jogavam futebol eram muitas vezes recrutadas de outras modalidades desportivas em que, pela sua destreza e habilidade se destacavam, como por exemplo, na Madeira, as praticantes das modalidades de Andebol e Basquetebol, modalidades em que se conseguiam afirmar como atletas.

No *Club Sport Marítimo* registaram-se os seguintes hiatos¹⁸: a modalidade arranca em 1980; depois regressa em 1984, em 2004 e, por fim, em 2017 e até à data. A 27 de setembro de 2004, durante o Campeonato Regional, o *Club Sport Marítimo*, na voz do seu presidente à época, explicava o reaparecimento do Futebol Feminino na Madeira, e que, mais importante do que ganhar, seria formar (Faria, 2004, p. 2). Embora o clube já tivesse tido grandes equipas femininas, esta notícia de reabilitação da modalidade fez-nos recuar aos

¹⁸ O Futebol Feminino apareceu, desapareceu, surgiu e voltou a desaparecer. Foi, mais tarde, quase atualmente, encarado como prática corrente e regular e por esse motivo não escolhemos condicionar este estudo a estreitas balizas temporais como revelará o resultado da análise da amostra reunida neste trabalho. Como se poderá constatar, a falta de continuidade e perspetivas de futuro era o maior fator de abandono da modalidade.

anos oitenta do século XX e ao sonho de Marianela Oliveira (1961-2002), jogadora de referência na Região, conhecida entre os adeptos por “China”, a primeira futebolista madeirense internacional. A nível nacional, a realidade da modalidade aproximava-se muito da insular, na medida em que também se registava desencanto e abandono pela modalidade, realçado numa questão levantada pelo jornalista Nuno Sousa, do jornal *Público*, quando escrevia sobre a seleção portuguesa feminina, avançando: “[...] o que seria hoje do futebol feminino português se não tivesse sido travado por aquele hiato de uma década?” (Sousa, 2017), dando mesmo como título à notícia “Seleção feminina, a história de uma vida interrompida” (ibidem). Ainda sob presidência de José Carlos Pereira, com uma dinâmica e ambiciosa coordenação, com o clube a espreitar uma grande oportunidade oferecida pela Federação Portuguesa de Futebol, 2017 foi o ano de promoção: a equipa sobe à primeira divisão do Campeonato Nacional de Futebol Feminino. A participação neste campeonato permitiu à equipa de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo*, assim como às suas atletas, uma grande visibilidade e ainda, sonhar com novos projetos coletivos e individuais. A 16 de fevereiro de 2017, o clube volta a ter uma atleta internacional madeirense, que em 2018 faz o primeiro contrato profissional: Telma Encarnação disse ter sentido “[...] falta de um exemplo na altura em que começou a praticar futebol, porque “não havia uma equipa madeirense na I Liga”. Agora sente o “peso da responsabilidade” de ser o que não teve.” (Antes de sair..., 2022).

O património de um grande clube nacional não se pode rever na soma dos seus troféus, o legado da sua história e memória¹⁹ tem de ser replicado, pois o testemunho e o registo oral, quando possível e contado na primeira pessoa, têm outro alinhamento, tratamento e credibilidade. Processos e registos de antigas atletas, enquanto pessoas com vivências e experiências no clube e na competição de outrora, envolvidas e ligadas à modalidade, existem cada vez em maior número, crescendo de forma serena e positiva, banalizando a presença feminina na vida do clube, nas suas estruturas e na modalidade, que luta e ambiciona por grandes objetivos para o Futebol Feminino, não apenas num horizonte nacional, mas num horizonte Europeu. Sabemos que, atualmente, estas e outras medidas que obriguem à presença feminina são fortemente apoiadas, premiadas e incentivadas pelas estruturas e órgãos que regulam o Futebol nacional e europeu (FPF, UEFA) de modo a que,

¹⁹ Aquando da nossa pesquisa empírica constatámos que as atletas, na sua maioria, desconhecem o que tem sido e qual a identidade do Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*.

quando as atletas se veem confrontadas com a responsabilidade da representação do Clube, se sintam amparadas como a ideia deixada pela a nossa atleta internacional Telma Encarnação, tendo presente exemplos inspiradores, aspirando a tornar-se, elas próprias, iguais referências e modelos para as novas gerações. As estruturas são ainda muito masculinizadas. De realçar que, enquanto desenvolvemos o nosso estudo, a estrutura principal do Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo* apresenta um número muito reduzido de mulheres na estrutura diretiva, não obstante ter sofrido uma evolução ao nível da inclusão de um quadro dirigente e uma técnica de saúde.

Não negociavam o espaço nem o equipamento, pois apenas queriam jogar fizesse sol ou chuva: para a prática da modalidade nada seria um obstáculo. O gosto pela modalidade, que continua a ser apontado como motivo principal, acompanha também as atuais praticantes²⁰. Os primeiros jogos e torneios resultavam de eventos privados, organizados essencialmente por pessoas amantes da modalidade, com o apoio dos familiares das atletas, em condições consideradas precárias, com treinos em horas tardias, deslocando-se até aos locais de treino por conta própria, jogando com equipamentos de treino desportivo próprios, sem qualquer apoio logístico do clube, sendo-lhes apenas transmitido o local do jogo no final da semana, disputados em espaços de dominação masculina desde a estrutura, à organização, ao treino e às arbitragens. Mesmo contrariando as inúmeras adversidades e com as competições a rarear resultados, fruto do fraco investimento e interesse dos clubes e associações locais em promover a modalidade de Futebol Feminino, conseguia-se realizar alguns jogos apenas na Região, o que não oferecia a visibilidade necessária para a promoção das atletas e, por consequência, a expansão da modalidade. Uma das estratégias adotadas, era a realização de jogos entre equipas femininas antes dos jogos entre equipas masculinas, nomeadamente da primeira divisão, quando o adversário era um dos mais bem qualificados. Estes eventos davam visibilidade às atletas madeirenses a nível nacional, motivando-as e incentivando-as a trabalhar as suas qualidades futebolísticas.

Desde o início da participação do clube no Campeonato Nacional Sénior, Liga BPI²¹ e embora ainda longe de contemplar as condições desejáveis²² necessárias ao bom desempenho das atletas, deu-se um passo qualitativo ao adotar princípios e práticas

²⁰ Dados recolhidos no nosso inquérito.

²¹ Entre 2016 e 2018, Liga de Futebol Feminino Allianz; desde 2018, Liga BPI disputada em 2022-23 por 12 clubes.

²² Longe da equidade de pagamento anunciado pela Federação de Futebol dos Estados Unidos (2022).

organizativas inspiradas em estruturas criadas a partir do modelo de formação²³, nomeadamente logísticas essenciais ao desporto no feminino. Fruto da forte exigência e rigor da Federação Portuguesa de Futebol, a estrutura viu-se na obrigação de investir na formação de quadros.

Hoje, os jogos femininos são organizados por entidades oficiais, têm competição própria e fazem-no com mais regularidade, havendo, a nível nacional, vários troféus em disputa, como a já referida Liga BPI, a Taça de Portugal, a Taça da Liga e a Supertaça, proporcionando às atletas uma maior visibilidade a nível nacional e projeção internacional, através do trabalho permanente de observadores nas bancadas. Com o trabalho que tem vindo a ser feito pelo clube, com forte anuência e ajuda da Federação Portuguesa de Futebol, que, ao criar a “Cidade do Futebol”, em 2016 e a *Portugal Football School*, em 2017, se multiplica em ações e estudos aliando o desporto à ciência, publicados pelo *Football Observatory*²⁴, continuando a ser encontrado o “gosto e competência no topo das motivações” para a prática do Futebol Feminino.

Na amostra do nosso estudo e no inquérito ao universo atual do clube, assiste-se a uma forte adesão e investimento na modalidade, que coincide com a leitura de um trabalho efetuado pela *Portugal Football School*: “Castelo Branco e Madeira - destacam-se das restantes, com uma taxa superior a 75% de clubes com Futebol Feminino” (*Portugal Football Observatory*, 2021, p. 7). Estes dados são referentes à época de 2019/20, que seguiu uma tendência nacional, organizada e distribuída em vários escalões e competições regulares, confirmado pelas deslocações que as equipas, principal e Sub 19, têm vindo a fazer a fim de competirem a nível nacional. Do documento destacamos os principais pontos, que são: prática - infância e crescimento, futebol para todos e todas; qualidade de jogo; consumo: envolvimento; e, como último ponto, organização: sustentabilidade do ecossistema. Hoje e de acordo com os dados da Federação Portuguesa de Futebol são mais de 13 mil as jogadoras federadas a praticar futebol (Futebol de Onze e Futsal), como comprova o registo efetuado na página oficial do clube:

²³ O *Club Sport Marítimo* foi distinguido como “Entidade Formadora 5 Estrelas” pela Federação Portuguesa de Futebol, no âmbito do Futebol Masculino. A certificação enaltece organizações com práticas de excelência, fruto do trabalho desenvolvido na formação; já o Futebol Feminino foi certificado com 3 Estrelas.

²⁴ Criado em 2021 na *Portugal Football School*, a unidade federativa de investigação e desenvolvimento e é fruto da colaboração com a Unidade de Saúde e Performance e o departamento da Inteligência e Serviço ao Adepto.

Uma comitiva da Federação Portuguesa de Futebol visitou, esta quinta-feira, o Complexo Desportivo do Marítimo. A reunião teve por base a discussão de vários assuntos ligados ao Plano Estratégico desenvolvido pela FPF, tendo em vista o desenvolvimento de várias componentes ligadas ao futebol até 2030. (Pereira, 2022)

No *Club Sport Marítimo*, dentro e fora de campo apercebemo-nos de algumas melhorias nas condições de treino, nos espaços e equipamentos desportivos e até desviando o olhar de público para atleta e de atleta para público, num exercício de memória, apercebemo-nos que uma mudança se operou. Contudo, os locais de treino e jogos estão ainda, aquém do desejável, não só para as atletas, como para o público que, a não ser valer-se de um olhar atento para o campo, não obtém nenhuma informação adicional, por parte da organização, mesmo com transmissão direta no Canal 11²⁵, que detém os direitos de transmissão. Este canal, criado, de acordo com o Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes e segundo explicado por José António Saraiva, para a promoção do Futebol Feminino, apesar de “[...] não esta[r] a ter grande sucesso [...]” (Saraiva, 2022). Neste seu artigo para o jornal digital SOL, intitulado “Impingir o futebol feminino” em que assume um discurso bastante estigmatizante e desinformado, escreve sobre a filha de um amigo seu “que era uma «maria rapaz», pois adorava futebol” (ibidem). Infelizmente para o progresso da modalidade, ainda há muitos intelectuais que defendem este tipo de posição. Sobre a eficácia deste meio de comunicação social, o Canal 11 e o modelo de negócio (de transmitir em canal aberto) que promove entre pares, inibe os clubes de negociarem, por si, com outros parceiros mais favoráveis e mais comerciais. Além deste fator de promoção e visibilidade que é facultado há ainda aspetos de ordem prática e operacional a serem melhorados, como as condições do recinto desportivo em Santo António²⁶ (Funchal/Madeira), campo de relvado sintético no Complexo Desportivo do Marítimo, por não apresentar nenhum quadro marcador desportivo com a indicação de tempo de jogo e resultado do mesmo, não dispor de nenhuma informação aos microfones, os assentos serem diretamente no cimento sem qualquer conforto para o espetador e ser localizado junto a uma ribeira com elevado índice de humidade. Jogar nas “catedrais” do desporto a nível nacional e internacional, onde se tem assistido a recordes quanto ao número de espetadores, como por exemplo, no Estádio Camp

²⁵ Canal de desporto da Federação Portuguesa de Futebol.

²⁶ Este estádio é o campo de treinos da equipa principal masculina do *Club Sport Marítimo* e serve ainda as equipas Marítimo B, Marítimo Sub-23 e a equipa feminina de seniores.

Nou, em Barcelona ou no Estádio da Luz, em Lisboa, apoiados por grandes marcas publicitárias nacionais e internacionais, é uma realidade não equacionada para o Estádio do Marítimo, nos Barreiros, e parece não ser prioritário.

Apesar do investimento no plantel, com contratos com atletas locais e estrangeiras de nacionalidades que tornam o grupo multiétnico e multirracial, há necessidade de mais investimento e valorização pessoal no feminino em quadros dirigentes e técnicos, como defendido no recente documento divulgado pelo grupo de trabalho para a igualdade de género no desporto, *Relatório e Recomendações do Grupo de Trabalho para a Igualdade de Género no Desporto* (2023), que realça que: “O desporto fomenta a inclusão social, a integração, a promoção da saúde e a cidadania ativa” (RRGTID, 2023, p. 3), garantindo e criando “[...] espaços de manobra institucionais em todas as “esferas” da vida social e não só na vida política nos quais a democracia e a tolerância sejam apreendidas e exercidas na prática quotidiana” (Bader, 2008, p. 171) é importante para que se possam acrescentar valores, modelos e atitudes à prática da modalidade, numa diversidade que se pretende a todos os níveis da sociedade, embora estejamos ainda muito distantes da realidade desejada. Em conversas informais trocadas no seio do clube, sabemos existir um contrato laboral com as jogadoras, mas ainda muito longe da profissionalização das futebolistas, que na sua maioria e devido aos baixos valores envolvidos, se vêm obrigadas a recorrer a empregos complementares. Felizmente e como constatado pelos resultados ao inquérito que promovemos, já se assiste a um aumento de praticantes que investem na modalidade que praticam, associando essa prática desportiva à sua formação académica (Cursos Técnicos, Licenciaturas e Mestrados ligados ao Desporto), o que lhes permite depois melhores rendimentos, equilibrando orçamentos e projetando-as como melhores atletas e mulheres conscientes e informadas sobre os seus direitos e deveres no clube que as acolhe, seja na sua cidade, na sua Ilha ou fora dela, tornando-as melhores cidadãs, ajudando a diluir a falta de perspetivas e insegurança quanto ao seu futuro na modalidade, enquanto a profissionalização não chega. Sabemos, no entanto, que Portugal já se inclui na lista de países que se posicionam “[...] para oferecer condições de profissionalismo às suas jogadoras, percebendo-se também pelo nível crescente da Liga dos Campeões feminina a maneira como os meios estão a aumentar.” (Cristóvão, 2022b), não obstante o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (SJPF) terem já entregado, à Federação Portuguesa de Futebol, uma proposta de acordo coletivo de trabalho para o Futebol Feminino (Abreu, 2023).

O *Club Sport Marítimo* dispõe, nas suas instalações, de um colégio, o *Colégio do Marítimo*²⁷, um meio para formar futuras atletas, promovendo a fidelização ao clube, na garantia das condições a que todas aspiram, como a maternidade²⁸, sem terem de abandonar a prática ou a sua ligação à modalidade. Como exemplo, temos a Associação de Futebol Inglesa que “[...] estabeleceu um regime obrigatório de proteção à maternidade, que tem de ser salvaguardado em todos os contratos de jogadoras da I e II Ligas” (Pereira, 2022). Esta forma de conciliar as aspirações da vida profissional com a vida pessoal incentiva e aumenta, não só a prática da modalidade, mas o desenvolvimento da oferta formativa, nomeadamente a proximidade com as instituições de ensino locais, de modo a não comprometer a continuidade dos projetos desportivos.

Neste processo, trazemos à reflexão os ensinamentos do Professor Manuel Sérgio (2015) partilhando a interrogação que coloca e, sobretudo a conclusão a que chega e que de seguida realçamos: “O futebol é linguagem? É de facto! Mas se é linguagem, é o corpo. **Ora eu sou o meu corpo. De facto o futebol é aquilo que eu sou.**” (realce nosso) (Sérgio, 2015, p. 284). Com esta constatação, viabilizam-se identidades femininas ainda diluídas que urgem respeitar e criar condições que a atual Liga BPI exige, pelo que estranhámos o facto de que o *Club Sport Marítimo*, no início do nosso estudo, ainda não dispusesse de uma nutricionista, considerando-se a importância de uma boa dieta na *performance* das atletas. Neste aspeto, acompanha-nos a interessante contribuição de Mónica Sousa, nutricionista, na sua participação na Conferência Internacional “Ciência e Futebol” (2022), onde revisitou “[...] as estratégias alimentares e nutricionais mais relevantes a aplicar no futebol, enquadradas na mais recente evidência científica.” (Sousa, 2022, p. 23)

Ainda sobre esta matéria do corpo e da *performance* na alta competição, temos o testemunho de Simone Biles, atleta norte-americana que, sobre a excelência do seu desempenho, afirma: “Não compreendo fisicamente como o faço.” (Biles apud Félix, 2021, p. 20). Na opinião do autor da notícia “[...] a mente permanece o órgão mais importante. Diz ao corpo o que fazer, e o corpo recorda-se (ibidem). Se pensarmos que “os principais dispositivos sensoriais [...] interagem com o sistema nervoso” (Damásio apud Sérgio, 2018) ou se nos lembrarmos que “a reação emotiva [...] dispõe de dispositivos como impulsos,

²⁷ “O *Colégio do Marítimo* foi construído de raiz a 18 de abril de 2006 [...] bem como o pavilhão do Club Sport Marítimo [...] visando uma melhor formação académica e pessoal dos alunos.” (Club Sport Marítimo, 2022).

²⁸ Suzane Pires faz parte do 2% de jogadoras que conseguem ser mães sem abandonar os relvados.

motivações e emoções” (ibidem), então, ao refletirmos sobre que do “[...] princípio de incompletude de todos os saberes decorre a possibilidade de diálogo e de disputa epistemológica entre os diferentes saberes.” (Santos, 2006, p. 13), igualmente nos interrogamos se “o desporto pode considerar-se uma tecnologia do corpo” ou mesmo se “a ciência não é uma certeza, mas uma “ideia reguladora”. (Japiassu apud Sérgio, 2018).

Embora seja sabido que esse acompanhamento é componente fundamental para o melhoramento da *performance* desportiva estranhámos o facto de o Futebol Feminino não recorrer com mais regularidade ao Gabinete de Otimização Desportiva, *Marítimo Lab*²⁹, de modo a melhorar a contribuição da atleta dentro e fora de campo durante a preparação e as competições, por exemplo, da Liga BPI e Sub19.

Numa simples e atenta notícia para corroborar a nossa preocupação sobre o tipo de apoio prestado à modalidade, nomeadamente na assistência às atletas quando lesionadas em campo pode ler-se:

Uma jogadora do CS Marítimo sofreu, esta manhã, uma lesão grave num jogo de futebol entre conjuntos verde-rubros. Foi socorrida pelos Bombeiros Sapadores do Funchal e transportada ao hospital numa ambulância da Cruz Vermelha Portuguesa. A atleta foi socorrida na hora pelo massagista do clube e também por uma equipa pré-hospitalar dos Bombeiros Sapadores que se encontravam no local para prestar assistência ao jogo de futebol de sub-19 entre o Barreirense e o Varzim, a contar para a fase de apuramento de subida à I divisão Nacional, que também se disputava no referido campo. (Graça, 2022)

Para além do que foi já referido, acresce a forma tardia da aprovação do orçamento para o Futebol Feminino e o modo como se prepara a época desportiva, lacunas visíveis devido à baixa rentabilidade revelada no início da competição, nomeadamente a condição física e o rendimento das atletas nos primeiros jogos. Com a chegada tardia dos “reforços” instala-se um clima de desânimo e de desacreditação no projeto, colmatado com idas à seleção e respetivas internacionalizações de atletas de vários escalões, que assim vão servindo de estímulo, dando o estatuto e premiando o esforço de todas, reforçando o entusiasmo e gradualmente, abrindo horizontes para uma profissionalização há muito desejada.

²⁹ O *Marítimo Lab* visa o desenvolvimento de um centro de treino de alto rendimento e *performance* no *Marítimo da Madeira - Futebol SAD*.

2. Questões de género no desporto amador

«Igualdade de género no desporto está melhor, mas ainda há um caminho longo a percorrer» (“Unanimidade sobre o tema:...”, 2023)

As atletas não concebem a prática de Futebol Feminino e a sua participação, tendo em linha de conta a sua orientação sexual ou questões de género³⁰, mas começam gradualmente a adotar diferentes estilos de vida e diferentes formas de estar e lidar, preparando-se para os jogos, relacionando-se e apresentando-se com o seu corpo de forma diferente, melhorando a sua autoestima e desempenho, adequando-se às exigências da competição.

O clube, que no seu organograma tem uma Assembleia Geral, uma Direção e um Conselho Fiscal, tem os cargos ocupados por homens e a *Marítimo da Madeira - Futebol SAD*³¹, estrutura que agrega a prática de Futebol no Masculino, é constituída por uma Assembleia Geral e um Conselho de Administração, tendo tido noutros mandatos mulheres nos corpos sociais, mas não no atual mandato, confirmando-se a primazia masculina, uma realidade em matéria de desigualdade no desporto, no que respeita à sua liderança. Embora já tivesse havido um esforço de direções anteriores em formar para a área do dirigismo desportivo, na verdade tardam em dar visibilidade, comando e voz no feminino.

Apraz-nos mencionar que as equipas femininas (principal e de formação) são essencialmente treinadas por homens, na medida em que, contrariamente ao que acontece com os atletas masculinos, que no término da sua carreira são convidados a integrar os quadros do clube em diversas funções, tornando-se um valor acrescentado para a instituição nas suas várias vertentes e aéreas de trabalho, infelizmente, no feminino não fazem por incluir antigas atletas nos projetos, pelo que estas se afastam, não acompanham as novas equipas e desinteressam-se pela modalidade e pelo clube.

Pequenos e bons exemplos a nível de cargos, investimento, dedicação e contribuição para a continuidade da modalidade é o de Sonia Bompastor, atleta francesa luso-descendente que, numa aposta do clube, se tornou a primeira mulher campeã na Liga dos Campeões como

³⁰ Ao fim de seis anos de luta, quando cinco das maiores estrelas da equipa apresentaram uma queixa à Comissão da Igualdade de Oportunidades de Emprego, acusando a federação norte-americana de discriminação salarial, conseguem a tão desejada igualdade salarial entre homens e mulheres que praticam a mesma profissão, neste caso, o Futebol (Tribuna Expresso, 2022). Falamos do ano 2022 o que nos dá uma ideia do tempo necessário para esta conquista, muito além dos seis anos de luta mencionados.

³¹ É um modelo especial de constituição de empresas voltadas para o Futebol, em Portugal. Este modelo de sociedade foi introduzido no início dos anos 1990 para melhorar a gestão financeira e a transparência nos clubes desportivos portugueses.

jogadora e treinadora: “Aos 40 anos, Sonia Bompastor, que estava até ao momento à frente da equipa de formação do clube, faz história no Lyon ao ser a primeira mulher a assumir o comando técnico da equipa principal de Futebol Feminino, que detém sete títulos de campeã europeia, cinco consecutivos, conquistados nos últimos anos.” (O Contacto, 2021). Segundo considera esta atleta exemplo, em Portugal estão a dar-se: “[...] passos em frente e no bom caminho, [sendo] muito positivo para o futebol europeu e sobretudo para o futebol português” (Bompastor apud Bomdia Europa, 2021). Um outro exemplo de resiliência, apesar de uma realidade em que, na modalidade, os homens (30%) têm maior probabilidade do que as mulheres (23%) de se tornarem treinadores, é o de Helena Costa que, em 2014 foi:

[...] a primeira mulher a assumir o comando técnico de uma equipa profissional do escalão secundário de uma das principais ligas europeias. Antes da portuguesa apenas havia a experiência de Carolina Morace que, em 1999, orientou durante dois jogos os italianos do Viterbese, da Série C (terceiro escalão). (Ribeiro, 2014)

Ainda, e a exemplo da presença de mulheres em cargos de destaque no futebol, Mariana Vaz Pinto foi *Team Manager* da Belenenses SAD (2021/2022), equipa sénior masculina, tendo sido a primeira mulher a ocupar o lugar em Portugal.

Embora as condições de trabalho tenham vindo a melhorar de modo a viabilizar condições para a prática da modalidade, na verdade, no *Club Sport Marítimo*, a estrutura da modalidade de Futebol Feminino dispõe de uma diretora,³² um treinador, um treinador-adjunto, uma fisiologista e um treinador de guarda-redes, revelando-se uma estrutura ainda muito masculinizada, contrariamente ao que seria desejável para uma equipa de futebol com objetivos e ambições, que consideramos ainda não dispor de condições básicas: não adotou as boas práticas e recomendações cada vez mais exigentes para o Futebol Feminino, pelo que estanhámos o facto de não incluírem na sua equipa outros quadros femininos, como uma *Team Manager*, uma psicóloga ou uma nutricionista e/ou mesmo recorrerem com mais regularidade ao *Marítimo Training Lab* que, tendo como objetivo criar um centro de treino de alto rendimento, acreditamos possuir instrumentos de análise essenciais ao acompanhamento e melhoria da *performance* exigida ao mais alto nível, conforme sugerido e recomendado pela Federação Portuguesa de Futebol. Para percorrer este caminho

³² Substituta de um coordenador na época desportiva de 2022/2023.

desenvolvem, de forma sistemática, testes de avaliação de desempenho desportivo e monitorização, utilizando uma metodologia de análise que defendem para a equipa principal do Futebol Masculino como a recolha de dados relativamente a:

[...] fatores de rendimento físicos e fisiológicos, como a composição corporal, a capacidade aeróbia e anaeróbia, a força e potência, a agilidade, a capacidade de aceleração e velocidade, são amplamente apontados na literatura como elementos estruturantes para a alta performance nesta modalidade. (Marítimo Training Lab, s.d.)

Este instrumento de avaliação e acompanhamento da *performance* desportiva deveria ser uma prática comum a todas as equipas, não só as de alto nível, mas também as de formação avançada, para atletas que estão mais perto de seguirem a profissão. Claro que incluir as atletas de Futebol Feminino é para nós condição obrigatória cuja necessidade não deveria sequer ser questionada. Trazer a ciência, de forma regular, para o quotidiano dos clubes, abrindo caminho para trabalhos científicos é um fator de relevo. Um exemplo disso é o trabalho que tem a vindo a ser feito pelo *Portugal Football Observatory* com a realização de, entre outras atividades, conferências internacionais sobre “Ciência e Futebol” onde, por exemplo, se discutiram e estudaram as lesões na mulher futebolista, com a tecnologia a revolucionar o jogo em todas as áreas, dentro e fora das quatro linhas.

Outra questão que se levanta é a fase preparatória para a época da modalidade. Até à data desconhecemos estarem propostas competições preparatórias para melhorar o início da competição, fazendo crer que a ideia de uma pré-época seja algo impensável para a equipa principal feminina. Os locais de treino em relva sintética comportam condições mínimas à prática da modalidade, contrariamente ao que acontece com o plantel principal masculino, que treina em relva natural. Outro privilégio é o facto de disporem de lugares reservados no parque de estacionamento do Complexo Desportivo do Marítimo, algo que não acontece com as jogadoras de Futebol Feminino. Será por não terem ainda estatuto profissional? As atletas, na sua maioria, auferem com caráter regular, uma quantia que não excede o valor das despesas. Na formação e no seu plano semanal de preparação está contemplada uma hora fixa e uma outra aleatória para as atletas seniores, enquanto que, para as atletas em formação, ainda não estão contempladas idas ao ginásio, contrariando a possibilidade de existir um plano preparativo para a competição. Elementos facilitadores para a prática da modalidade

e de diferenças salariais, melhor, de diferenças entre o estatuto amador e o profissional, são bastante visíveis, incluindo as estruturas que as apoiam o que leva as jogadoras a adotarem estilos de vida pouco saudáveis, sem uma habitação condigna ou tempo de repouso, face à exigência da competição. Os jogos são igualmente realizados em espaços pouco apelativos, sem conforto para as atletas e muito especialmente para o(a)s espetadores, muito longe das condições dos balneários, das tribunas cobertas e camarotes previamente reservados para assistir, de forma confortável, a um jogo do *Marítimo da Madeira - Futebol SAD*.³³

Os equipamentos são igualmente pouco apelativos e pouco preocupados com as vivências no feminino. Consideramos ser bom para o projeto disporem de patrocinadores diferenciadores, evitando-se replicar o episódio³⁴ de outras histórias, de modo a cativar e atrair outros e vários tipos de público. Observamos atletas que desafiam os estereótipos da atleta feminina, como Megan Rapinoe³⁵, que se afirmam ou que se associam a atletas feminilizadas ou associadas ao estereótipo de atleta feminina, fazendo com que existam várias construções no feminino. Muito distante de outros tempos e sem qualquer aconselhamento, muitas das antigas atletas enfatizavam a feminilidade, mesmo as heterossexuais que depressa tentavam encaixar-se nos ideais de beleza feminina quanto à sua aparência, minimizando o desenvolvimento da massa muscular, evitando qualquer associação a mulheres masculinizadas ou com orientações sexuais distintas (hétero-, homo- ou bi-), camuflando, muitas vezes, a sua orientação sexual com a presença de pretensos namorados, e/ou figuras masculinas, evitando a aparição em público, por se falar em lesbianismo no desporto, espaços “onde os significados dominantes de género são reafirmados e contestados³⁶” (Davis-Delano, Pollock & Ellsworth Vose, 2009, p. 131). Tempos que se viveram e hoje se pretendem abandonar “[...] o quadro binário e heterossexista que segmenta os géneros em masculino e feminino e impede uma descrição adequada dos tipos de convergências subversivas e paródicas que caracterizam as culturas gay e lésbica” (Butler, 2017, p. 157). Recordamos, a propósito, o seguinte episódio: no início da atividade desportiva na década de oitenta do século XX, um convite para uma sessão

³³ Onde grandes marcas económicas disputam os melhores lugares.

³⁴ A atleta Marta Silva (Brasil) recusou ser representada por uma marca que diferenciava a atribuição de verbas entre atletas femininas e masculinos.

³⁵ Pelo seu envolvimento em questões de ordem social relacionadas com os direitos de grupo pelos direitos LGBTQI+ e igualdade de género ou de movimentos contra o racismo, como o movimento *Black Live Matters*.

³⁶ Tradução livre da autora. Texto no original: “[...] where dominant gender meanings are both reaffirmed and contested.” (Davis-Delano, Pollock & Ellsworth Vose, 2009, p. 131).

fotográfica no Jardim Botânico a uma das atletas, porque o seu perfil, conduta e vestuário contrariavam a de uma jogadora de futebol, afirmando-se pela diferença como uma mulher que usava saias e atleta que vestia calções.

Por outro lado, a não existência de um departamento de *Scouting*, que tem como objetivo e responsabilidade observar, analisar o desempenho e contratar atletas, quer para a equipa principal, quer para a formação, não abona a favor do desenvolvimento da modalidade no *Club Sport Marítimo*, apesar de este já dispor de um elevado número de praticantes. Especialistas sugerem mesmo que os clubes com atividades “semiprofissionais” e com o problema já identificado por elementos externos deverem dar o que consideram ser: “[...] o passo em frente, e investir seriamente no Scouting [...] a área com maior potencial de crescimento no que respeita ao Futebol Feminino Nacional” (Bartolomeu, 2022).

Outra fragilidade ainda, que conseguimos apurar é o facto de não se perceber que, devido à dimensão que a estrutura em número de atletas está a atingir, não existir um departamento de *Media Training*, focado na gestão da imagem da equipa no seu todo e de cada atleta em particular, preparando-as para a partilha de conteúdos nas redes sociais e falarem à comunicação social, nomeadamente no canal do clube, a *Marítimo TV*, onde se promove a modalidade, os resultados desportivos e a atividade do clube. Hoje, comunicar Futebol no feminino, vai além da simples narrativa já que, em última instância, se esperam resultados e cuidados idênticos ao do Futebol profissional.

Um dos aspetos que o clube tem vindo trabalhar com alguma assiduidade e dinamismo são as atividades junto das escolas, com os profissionais do futebol, incluindo já atletas do Futebol Feminino, publicitando o trabalho desenvolvido na *Revista Marítimo* e no *website* do clube, com o título “Maior das ilhas recebido em festa na Escola do Covão” (Sousa, 2022). Elas e eles, quatro representantes do *Club Sport Marítimo* enaltecem a importância da prática desportiva “[...] contaram histórias do seu percurso no futebol e enfatizaram a importância dos estudos” (ibidem), convidando as crianças a partilharem ideais e valores de modo a tornarem-se seres humanos mais informados. Intenções e ações inspiradas no Plano Estratégico 2030, delineado pela Federação Portuguesa de Futebol em que se enfatiza a realidade conformada da existência de “[...] uma nova geração 100% digital e com novos padrões de consumo” (Federação Portuguesa de Futebol, 2022).

A Federação Portuguesa de Futebol tem vindo a incluir-se na discussão sobre igualdade de género³⁷, sendo uma das suas prioridades, defendendo que a realidade se alterou na última década e obrigou a um investimento próximo dos cinquenta milhões de euros (“Fernando Gomes assume...”, 2023). Segundo esta entidade, os clubes, na forma como se apresentam, registam um aumento de investimento nas condições de treino e de jogo, ajudando a reduzir as grandes diferenças entre género e comportamento. Organizam competições com modelos próximos aos do masculino e atribuem troféus de forma a diluir a propaganda da modalidade nos diferentes modelos, procurando dar igual relevância nos media, na mesma ocasião, ao feminino e ao masculino, de que é exemplo, o Futsal: através do Canal 11 assistiu-se à transmissão de uma final de competição feminina e outra masculina no mesmo dia, mas em horários e espaços desportivos diferentes.

No início da época desportiva de 2022/23, por iniciativa do então coordenador do Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*, foram-nos concedidos quatro minutos para falar do nosso estudo, tendo tal convite sido recusado, por considerarmos que o tempo facultado seria insuficiente para nos pronunciarmos, de forma digna, sobre a nossa posição e estudo. A pequena estrutura da modalidade de Futebol Feminino no clube, muito masculinizada, com mulheres que jogam Futebol, mas que estão longe de conseguir expressar as suas dificuldades, condições e diferenças – não têm nem voz, nem poder reivindicativo. Perante esta e outras realidades replicadas a nível nacional e tendo em linha de conta os resultados do relatório final do grupo de trabalho para as políticas públicas em matéria de igualdade no desporto é intenção da Federação inverter esta tendência com iniciativas de formação levadas a cabo pela *Portugal Football School*, sobre temas como “Liderança Feminina” publicitado na sua página *web* sob o título “Liderança Feminina em Marcha” (Federação Portuguesa de Futebol, 2023).

A 8 de março de 2023, data em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, o clube homenageou duas atletas femininas que se distinguiram no desporto: uma no futebol e outra na natação. Foram elas, Marianela Oliveira³⁸, a primeira mulher Internacional no Futebol Feminino e Júlia de Sousa³⁹, nadadora. Esta cerimónia de descerramento de duas placas, em

³⁷ Na época desportiva 2016/2017 foi desenhado um novo troféu semelhante ao do Campeonato Nacional de Futebol Masculino.

³⁸ Primeira mulher internacional de Futebol Feminino da Madeira.

³⁹ Mas o feito que orgulha os maritimistas e os madeirenses em geral, são os títulos nacionais, alcançados em 1965, quatro desses conquistados por Júlia de Sousa em 200 metros livres, 100 metros bruços, 100 metros livres e 100 metros mariposa.

que participámos, teve a presença das atuais atletas e de antigas atletas, dando visibilidade às presentes e ajudando a eliminar estigmas de ordem geracional, não obstante considerarmos que o momento deveria ter sido exclusivo do Futebol Feminino já que se assiste diariamente à sua ascensão, comprovado pelo número elevado de atletas presentes ao invés da nula representatividade da natação. Sobre este episódio, lamentamos o facto de as antigas atletas terem sido contactadas em pequeno número e com curta margem sobre a data e hora da realização do evento, bem como o facto de nenhum dos dirigentes presentes lhes ter transmitido ou feito a ponte entre as antigas e atuais atletas.

2.1 Família, educação e estigma social

A categoria de mulher futebolista deveria ser associada ao seu desempenho e não a vários cenários e estigmas dentro e fora do Futebol Feminino. A família é um espaço fundamental quando apoia de forma incondicional, manifestando-se através da sua presença, acompanhamento, encorajamento, elogios e aplausos. Porém, outras vezes acontece que, ao invés, este núcleo de apoio poder tornar-se no maior inimigo da atleta, ao ser ignorada a prática desportiva como forma de aprendizagem e aquisição de competências para a vida, como pretexto de oposição e afastamento da prática da modalidade. Este e outros fatores, a que se associa o investimento financeiro, contribuíram, nas décadas de início da modalidade, nomeadamente na Madeira, para a dificuldade em prosperar, por falta de atletas, na medida em que a sua prática não integrada na escolaridade obrigatória se sobrepunha à vontade dos progenitores em apoiarem as filhas. Por outro lado, nas modalidades ditas “mais femininas”, como por exemplo, o Andebol, que era fortemente apoiado pelo clube, as atletas podiam seguir estudos superiores, ao abrigo da legislação de atleta de alta competição, com acesso privilegiado na admissão à Universidade.

A esta problemática não podemos deixar de associar os estigmas sociais que com ela caminham lado a lado. Por termos vivenciado este tipo de problema, recordamos, a este propósito, um episódio da década de oitenta do século XX, quando na qualidade de uma das atletas madeirenses convidadas a participar no I Torneio Nacional de Futebol, a nossa primeira aparição na Equipa Continental (Futebol de Onze) foi de cabelo curto, trajando saia, o que levou a comentários no balneário como: “contratámos uma apanha-bolas da Madeira”.

Ainda nesta altura, outras apresentavam corpos bastante masculinizados, impondo a sua figura e posição às restantes jogadoras do plantel: tratava-se de uma figura de atleta masculinizada, sem movimento gracioso; quando ser craque é sinónimo de ser “maria-rapaz”; e, quando ser líder de balneário, é ser-se sexista, longe da representação e feminilidade exigida pelo público, circunstâncias que hoje se procuram inverter na jogadora de futebol, mesmo quando não se dispõe de atributos de feminilidade, na medida em que “[...] a consciência do estigma do homoerotismo é adquirida direta e indiretamente através da aprendizagem das normas e valores sociais e da vivência de situações que o materializam.” (Brandão, 2010, p. 180). Ainda, e relativamente aos estigmas sociais quanto à figura masculinizada da mulher praticante de Futebol versus orientação sexual, nos anos oitenta do século XX, as atletas associavam-se a grupos com a mesma identidade, a fim de se sentirem “protegidas”, algumas das quais praticantes de outras modalidades ditas “mais femininas”. Nesta perspetiva, gostaríamos de trazer à reflexão Erika Fischer-Lichte (2019), quando na sua consideração sobre o conceito de “performativo”, importante para compreendermos a exposição das atletas e a sua necessidade de afirmação identitária, evoca Butler (1988) e a sua reflexão sobre identidade de género:

[...] o corpo não é apenas matéria, mas uma materialização contínua e incessante de possibilidades. Não se é simplesmente um corpo, mas, num sentido muito importante, faz-se o corpo [...]. (Butler, 1988 apud Fischer-Lichte, 2019, p. 42)

A que acrescenta:

[...] o corpo, na sua materialidade específica, é o resultado da repetição de determinados gestos e movimentos; são estas acções que, em primeiro lugar, produzem o corpo como algo individual, sexual, étnica e culturalmente caracterizado. A identidade - enquanto realidade corporal e social - é sempre constituída através do acto performativo. (Fischer-Lichte, 2019, p. 42)

Assim como Butler e Fischer-Lichte, através do conceito de *embodiment* e do ato performativo, associam corpo a comportamento, também nós queremos ajudar a

compreender como as manifestações no coletivo (se a ele nos quisermos associar) podem condicionar o comportamento individual e a forma influencia o olhar de terceiros.

2.2 O Futebol no *Club Sport Marítimo*

Nesta fase do nosso estudo importa-nos realçar a importância do *Club Sport Marítimo* na realidade desportiva regional, na medida em que é, em 2023, o único clube de futebol regional na Liga Portugal Bwin, primeira Liga portuguesa, que integra desde 1977⁴⁰. Fundado em 1910 é uma das mais prestigiadas representações insulares, tendo ganho a Taça de Portugal, em 1926. Após a mais importante conquista da equipa até hoje conseguida pelo clube seguiu-se um período onde se privilegiou mais a competição regional. O caminho foi doloroso, na medida em que até participar no campeonato nacional, cuja legitimidade vê reconhecida apenas em 1973, esperou mais de uma década e começou por participar nos campeonatos nacionais, na segunda divisão da zona sul. A luta pelos direitos do princípio da continuidade territorial e da visibilidade nacional aplicava-se também no plano desportivo, na medida em que se refletia nos custos associados a toda a estrutura do clube. Foram precisos três anos de muito trabalho e resultados desportivos para que o *Marítimo* pudesse integrar o escalão principal do Futebol nacional masculino, tornando-se na primeira equipa insular nesta competição. Entre 1992 e 2017 representa o país, por oito vezes, em competições europeias. Em 2007, integra a final de uma nova competição criada em Portugal, a Taça da Liga (Allianz Cup) de que é finalista por duas vezes: em 2015 e em 2016. É ainda, finalista vencido da Taça de Portugal, em 2015. Inaugura o seu novo Estádio, Estádio do Marítimo, em 2016, com a capacidade para 10.600 espectadores, salvaguardando-se de futuras exigências da UEFA para as competições. Com a oitava participação numa competição europeia, foram criadas estruturas e lançados novos desafios pelo órgão que rege o Futebol em Portugal, a Federação Portuguesa de Futebol, que leva o clube a apostar fortemente na Liga Revelação de Sub 23⁴¹ e na Liga Feminina de Futebol, Liga BPI.

⁴⁰ A equipa principal do *Club Sport Marítimo* desceu de divisão após a temporada 2022-23.

⁴¹ Equipa desativada na temporada de 2022-23 por decisão da direção do clube, na sequência da descida de divisão da equipa principal.

2.2.1 Futebol Feminino – escalões de formação

Os escalões de formação, tendo como referência e objetivo chegar à equipa principal, já contemplam espaços com melhor qualidade, embora, pelo que nos foi dado a observar, as atletas de formação ainda treinem num mesmo espaço, onde outrora treinavam as futebolistas dos anos oitenta do século XX, com a pequena diferença de o pavimento já não ser de terra batida, mas de relva sintética. Os melhores espaços e os mais bem-acondicionados ainda estão reservados ao Futebol Masculino.

A qualidade dos recintos, as horas de treino, a qualidade dos quadros que formam as atletas está ainda, muito distante da preocupação e rigor com que trabalham a formação dos masculinos. Por se registar um aumento do número de praticantes têm a possibilidade de treinar entre si e entre escalões, permitindo um contacto mais precoce e maior competitividade, fator de visibilidade importante para as que têm aspirações a representar a equipa principal e integrar as seleções, na Cidade do Futebol, em Lisboa, mais-valia que proporciona contactos com outras atletas, realidades, esquemas de preparação e modelos de competição.

Sobre estas e outras aspirações, registamos com alguma estranheza, dado o número de praticantes no clube e na Região, que o *Torneio Internacional Marítimo Centenário*, destinado às classes mais jovens de formação, que em 2023 vai na sua nona edição, não incluía equipas femininas, na medida em que seria mais uma oportunidade para trocaram experiências e realidades vividas nos seus clubes e seleções.

Por outro lado, a importância da ida às escolas como forma de captação de jovens para a modalidade, arrastando consigo jogadoras de renome como símbolos das atuais equipas como antes se fizera com figuras como Eusébio, “o futebolista ao serviço de uma narrativa [...] [n]a celebração das suas virtudes e [com] o reconhecimento paternalista da cultura Popular” (Cardão, 2022, p. 182). Em territórios familiares e reconhecidos privilegia-se o clube e a modalidade, sobretudo quando premiada a seleção, com a participação no campeonato da Europa, em 2022, e o apuramento para a participação no Mundial de 2023. Veja-se o título da notícia, replicada no essencial em toda a comunicação social: “Mais um feito: Portugal alcança melhor posição de sempre no ranking da FIFA”:

Esta ascensão deve-se ao facto de a equipa das Quinas ter vencido os últimos quatro jogos que disputou (triunfos sobre a Sérvia, Turquia, Bélgica e Islândia), garantindo, desta forma, o passaporte para o *play-off* inter-confederações de acesso ao Campeonato do Mundo de 2023. (Laezza, 2022)

A formação, a par do investimento em recursos humanos, revela-se decisiva para o desenvolvimento da prática, continuidade e ambição no futuro da modalidade.

2.2.2 O Futebol Feminino: escolaridade, mobilidade e internacionalização

A modalidade já faz parte do currículo nas escolas desde os anos oitenta e desde muito cedo no ensino básico. Hoje cada vez mais cedo e mais intensamente os clubes se articulam com as escolas. A forte aposta do Governo Regional no desporto regional, quer em estruturas, quer em destacamento de quadros qualificados para os clubes e associações desportivas, que tão bem viu a Federação na Região e mais concretamente o *Club Sport Marítimo* um forte parceiro para o aumento da participação das mulheres no futebol. Com duas equipas a competir a nível nacional e de forma regular, está obrigado a uma logística diferente e a custos acrescidos, dado que um jogo que se realiza fora da RAM significa que tem de haver uma deslocação de avião na véspera do dia do jogo, estadia, alimentação, deslocação até ao estádio e o percurso de regresso.

Com o trabalho desenvolvido pelo clube e com repetidas visitas da Federação à Região desde sempre, fez com que, muito cedo, as suas atletas fossem convidadas a participar nos campeonatos nacionais e para trabalhos com a seleção. Tendo algumas sido já convocadas às seleções A, de Sub 19 e Sub 16, servem de exemplo e incentivo à prática da modalidade, fazendo acreditar que é possível atingir-se a meta da seleção e com isso, a internacionalização, de que não se exclui a possibilidade de serem convidadas a integrar equipas nacionais ou internacionais. Mais escolarizadas, são também mais esclarecidas. Gostaríamos de realçar a prática do Futebol como prática compatível com a escola e com um projeto de vida. A título de exemplo, temos uma antiga praticante da modalidade que solicitou ao pai a criação de uma equipa de Futebol Feminino regional, foi praticante da modalidade, veio a doutorar-se e tornou-se numa académica bem-sucedida.

2.2.3 Promoção e desenvolvimento: investimento, imprensa e redes sociais

Em clubes com forte representação e interesse na modalidade, nada é deixado ao acaso, no que diz respeito à comunicação que é cuidada e trabalhada. A imagem e a marca têm de ser preservadas, sem se esquecer a componente de marketing e merchandising. Saber comunicar bem é fundamental, e em especial no Futebol Feminino, quando se pretende chegar ao outro e a outros mercados. Existe um canal televisivo vocacionado para promover o Futebol Feminino através de transmissões regulares, o Canal 11⁴², que, por ser de livre acesso, tem ajudado na divulgação da modalidade. Recentemente, assistimos à criação de um novo canal dedicado ao desporto feminino, W-Sport⁴³, que se apresenta “[...] ao público com o slogan “Não é para meninos” [...]” (Abreu, 2023), estreando-se nas boxes MEO, a 8 de março de 2023, Dia Internacional da Mulher. Nesta “febre” a que se assiste de promoção da modalidade, até a RDP - Antena 2, quebrou o seu “código de honra” de não falar de Futebol. Um destes dias, noticiou o Jornal Sol, “[...] falou de Futebol Feminino [...] que deixou de ser um desporto para se tonar uma questão política, incluída na agenda da ideologia de género.” (Jornal Sol, 2022)

Hoje vivemos numa sociedade essencialmente de imagens e de ecrãs, “elemento físico comum à mediação” (Cardoso, 2013), que ao mesmo tempo se “[...] constitui [n]uma condição cultural distinta que convida e produz novas articulações de feminilidade.”⁴⁴ (Toffoletti et.al apud Ince-Yenilmez, 2020). Quando associados aos vários dispositivos mediáticos como são as redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *TikTok*, autênticos canais de informação e desinformação céleres na colocação de conteúdos e consequente atingir dos alvos⁴⁵, muitas das vezes com efeitos perversos, proporcionam uma visibilidade mediática diversificada, enaltecendo “a natureza mutável das subjectividades desportivas, corpos, práticas, política, agência e experiências de género.”⁴⁶ (ibidem) muitas vezes padronizados no seu comportamento ritual e de ideais de beleza que questionamos e sobre os quais refletimos.

⁴² Para assinantes NOS, em sinal aberto, na posição 11.

⁴³ Para assinantes MEO, em sinal aberto, na posição 29.

⁴⁴ Tradução livre da autora. Texto no original: “[...] constitutes a distinctive cultural condition that invites and produces new articulations of femininity.” (Toffoletti et.al apud Ince-Yenilmez, 2020).

⁴⁵ Para Gustavo Cardoso (2013), “A questão do imediatismo ganha relevo, [mas] também perd[e] relevância quando se trata de notícias de fundo.” (Cardoso, 2013, p. 393)

⁴⁶ Tradução livre da autora. Texto no original: “[...] the changing nature of gendered sporting subjectivities, bodies, practices, politics, agency and experiences.” (ibidem)

O Futebol pode seguir um “caminho” mais tático ou mais físico e estético, mas para a atleta portuguesa Jéssica Silva “[...] ser negra, futebolista e ter algum sucesso” (Silva, 2021, p. 37) dá-lhe gozo, por poder mostrar que as mulheres também podem jogar Futebol e serem bem-sucedidas. Afirmações como esta levam-nos a acreditar, cada vez, mais no *empowerment* feminino no desporto.

Os canais mediáticos passaram a ser inundados por jornalistas, comentadoras e repórteres mulheres, embora tenha menos destaque quando praticado no feminino, não obstante estarmos a assistir a alguns sinais de mudança, como foi o exemplo da cobertura, pela RTP-2, do Campeonato da Europa de Futebol Feminino realizado no Reino Unido, encarado como uma boa publicidade da modalidade, embora esteja em perigo um caminho com “[...] o sentido do futebol com jornalistas e opinadores que são o máximo dentro do mínimo.” (Sérgio, 2015, p. 317) a tornar-se uma realidade pouco construtiva no feminino. Por fim, importa realçar a informação permanente e atualizada de anúncio e resultados de jogos de Futebol Feminino, a par de jogos de Futebol Masculino, nos principais sites de órgãos de informação desportiva.

PARTE II - METODOLOGIA

O nosso estudo, de caráter empírico assenta em conversas informais, entrevistas em profundidade, inquéritos e observação não participada na atualidade, uma vez que fomos praticantes da modalidade na década de oitenta. Com a colaboração dos quadros dirigentes do *Club Sport Marítimo* foi possível contactar as atletas e assistir a treinos e jogos, tendo o mais difícil sido recuperar contactos da nossa juventude para, de forma comparativa, desenvolver um estudo de perfis.

Dada a escassa literatura sobre a modalidade desportiva de Futebol Feminino regional consulte a imprensa local que, para além de ser uma ferramenta que reflete a sociedade da época, é muito habitual em espaços insulares, nomeadamente na Madeira, servirem de canal para variadas discussões públicas de múltiplas disciplinas e interesses e refletirem a realidade social, levando-nos à descoberta do modo de ser e estar na Região. Após a pesquisa exaustiva do *Jornal da Madeira*, diário que selecionámos para o efeito, centrámos a nossa leitura nos artigos de jornal encontrados, onde registámos uma contribuição significativa para a explicação da evolução da modalidade em estudo, na Madeira. Centrámos-nos na análise destes textos entre a década de sessenta, altura em que se registam jogos entre equipas estrangeiras no Funchal, e a década de noventa, dez anos depois da criação da modalidade no *Club Sport Marítimo*, altura em que, à parte os hiatos registados, a modalidade prosperou no clube.

3. Metodologia adotada

[...] os métodos a utilizar ser[ão] o[s] da escolha do objeto de estudo, e esta escolha é ditada pelo corpo teórico utilizado e pela angulação ou pela ótica que se deseja utilizar.
(Esteves & Azevedo, 1998, p. 23)

A pesquisa efetuada foi de teor empírico a partir da consulta de fontes primárias, como arquivos privados, bibliotecas e rede *web* e secundárias, como a imprensa local e nacional, em arquivos regionais. A par desta pesquisa foi efetuada observação direta não participada nos treinos e jogos da equipa sénior de Futebol Feminino. Neste percurso, não foi descurado o cuidado do “[...] observador se distanciar do objeto de observação, [...]” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 111); e, para o efeito, construir uma grelha de observação e fazer-se acompanhar de um bloco de notas (Carmo & Ferreira, 2008). Ao mesmo tempo, foram conduzidas entrevistas em profundidade a antigas e atuais jogadoras, ao corpo técnico e a dirigentes, assim como um inquérito por questionário com ajuda da aplicação *Google Forms* – aqui, sem a presença do(a) investigador(a) (Carmo, 2008). Este inquérito teve como visados os indivíduos a quem não conseguimos chegar através da entrevista, a fim de reduzirmos a probabilidade de manipulação de respostas. A amostra partiu da equipa principal de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo*. Os dados recolhidos foram trabalhados e triangulados com recurso ao *software* Excel.

A importância das questões metodológicas é pertinente, na medida em que a recolha de dados per se e a informação que revelam carecem de análise, dando-se mais sentido e rumo à pesquisa, fazendo com que o objeto de estudo vá mais além do que a sua inicial visão e perspectiva de abordagem. A humildade do(a) investigador(a), importante para a conquista da confiança do(a)s entrevistado(a)s, dos que responderam aos inquéritos e dos que deram acesso a informação privilegiada, ajudando na estratégia definida para a recolha de dados. A esta preocupação juntou-se a forma simples, objetiva e clara das perguntas a fazer e respetivas instruções quanto ao modo de agir, utilizando canais de comunicação acessíveis e cómodos para quem preenche. As estratégias de análise e tratamento de dados a adotar foram as de análise qualitativa e quantitativa por se complementarem nos resultados. Eticamente, será respeitada a identidade do(a)s intervenientes, tratando-o(a)s de forma codificada, passos que não serão dados sem as devidas autorizações. Com este estudo

esperamos poder contribuir para mais um passo nos estudos sobre mulheres, no desporto em particular, na Região Autónoma da Madeira.

3.1 Questão principal

- Como compreender os problemas com que se deparou o *Club Sport Marítimo*, uma instituição com uma organização largamente genderizada, para implementar, operacionalizar e desenvolver o Futebol Feminino?

3.1.1 Questões específicas

- Quando e como iniciou e desenvolveu, o *Club Sport Marítimo*, a modalidade de Futebol Feminino?
- Com que problemas se deparou o *Club Sport Marítimo* para implementar e operacionalizar o Futebol Feminino?
- Como integrou o *Club Sport Marítimo* as suas atletas e que passos deu para a equidade de género?

A partir das questões acima formuladas, os objetivos traçados são os seguintes:

3.2 Objetivo principal

- Compreender as dificuldades com que o *Club Sport Marítimo* se deparou, para implementar e operacionalizar o Futebol Feminino e traçar o seu caminho para a profissionalização, considerando os necessários níveis de escolaridade, de estatuto desportivo, de mobilidade e de internacionalização.

3.2.1 Objetivos específicos

- Compreender as dificuldades do *Club Sport Marítimo* para, na Região Autónoma da Madeira, conseguir implementar e operacionalizar o Futebol Feminino;
- Traçar uma *timeline* que nos ajude a perceber a evolução da modalidade de Futebol Feminino, no *Club Sport Marítimo* até à necessária profissionalização;
- Analisar os níveis de escolaridade, de estatuto desportivo, de mobilidade e de internacionalização das atletas do Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*.

3.3 Teorias de alicerce

Consideramos que os estudos feministas, nas suas quatro vagas (Vicente, 2019) e na medida da afirmação das suas conquistas contribuíram para a afirmação da mulher no desporto. A nossa opção recai sobre a teoria *queer* que dá “ênfase [... às] interligações entre sexo, sexualidade e género” (Macedo & Amaral, 2005, p. 185) e a questões sobre as identidades do corpo, como defendido por Ana Luísa Amaral (Amaral, 2018, p. 39). É a partir desta teoria e dos ensinamentos de Judith Butler (1990), que dá socialmente voz às minorias, que pretendemos comprovar que as diferenças sexuais e o simples “ser mulher” podem estar na base das explicações encontradas para o tardio aceitar de uma modalidade desportiva desenvolvida, desde a sua criação, no masculino. Neste sentido sublinhamos que para Butler “O género é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de género. Neste regime os géneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva.” (Butler apud Colling, 2007, s.p.). Este domínio provocou uma acentuada estigmatização no que respeita à participação feminina e este estigma é a razão pela qual se observam, na terceira década do século XXI, circunstâncias que dificultam a afirmação do Futebol Feminino como desporto profissional.

A partir de Butler (2017), que defende um corpo performativo como expressão máxima para a afirmação da identidade de cada um(a), iremos analisar os comportamentos dentro e fora de campo de um grupo de jogadoras que praticam Futebol amador. De modo a compreender a intersecção entre sexo, sexualidade e género, alargamos o campo de ação,

tornando mais vasta a pesquisa e análise empírica da relação encontrada entre eles (Crenshaw, 2002).

É um estudo de caso com um intenso trabalho empírico, que integra conversas com dirigentes da instituição, os indivíduos que lideram o processo de coordenação desportiva e inquiridos a atuais e antigas atletas do clube. Acompanhou este nosso estudo, além da bibliografia consultada, a pesquisa em arquivos, a pesquisa *online* e o registo e análise dos dados recolhidos.

3.3.1 Modelo de análise

Fenomenologicamente, partimos de uma experiência da nossa juventude, enquanto praticantes de Futebol Feminino em que, além de atletas de revelação, chegámos a capitã de equipa no *Club Sport Marítimo*, uma equipa integrada em categoria única. Esta experiência data das últimas duas décadas do século XX e fez com que, ao longo dos anos, acompanhássemos, com interesse, a evolução desta modalidade desportiva que, na terceira década do século XXI começa a afirmar-se como modalidade de referência, com substancial interesse desportivo e económico a nível das organizações regionais, nacionais e internacionais. Não obstante o afirmado, o nosso interesse de investigação prende-se com as circunstâncias em que tudo acontece e as questões que se levantam:

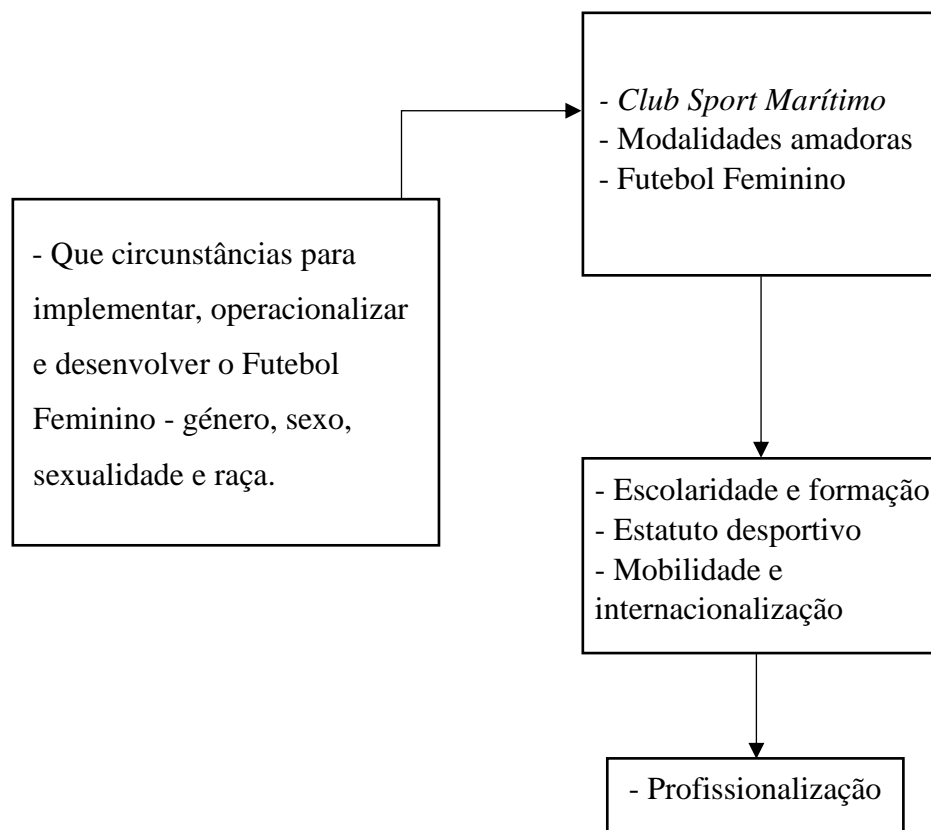
- Que formação é dada às atletas?
- Que escalões lhes atribuem?
- Em que condições são admitidas?
- Como se afirmam no balneário?
- Que aspirações poderão ter na profissionalização?

Para acompanhar este processo desenvolvemos uma pesquisa empírica que, alicerçada na teoria *queer*, no que respeita às diferenças entre sexo biológico, orientação sexual e identidade de género, com um foco especial na condição de se ser mulher, sustentámos o nosso estudo com observação direta não participada, conversas e inquiridos por questionário. Partimos dos conceitos de género, sexo e sexualidade para fundamentar as diferenças existentes entre o Futebol Feminino e o Futebol Masculino, quer pelo desfasamento no tempo do investimento em cada uma das modalidades, quer pelas condições para a prática e

profissionalização. Neste trabalho não foi descurada a necessária pesquisa documental, com acesso a arquivos pessoais e regionais, uma observação indireta através do acesso a fontes e direta não participante, pela presença nas atividades ligadas à modalidade, no *Club Sport Marítimo*.

No final esperamos contribuir para a criação de um ponto de partida para análises futuras.

3.4 Mapa conceptual



3.5 Entrevistas com quadros de direção

Apesar de, na Federação Portuguesa de Futebol se assistir a um forte investimento no Futebol Feminino, as suas estruturas são ainda muito masculinizadas. Estas estruturas, em que se insere a maritimista, espreitam oportunidades e modelos de negócio, no feminino, fortemente patrocinadas por aquela instituição. Por altura da apresentação da equipa

feminina de futebol, época 2022/23, e no âmbito do nosso estudo fomos convidadas para falar como antiga atleta e na qualidade de mestrandas em “Estudos sobre mulheres, Género, cidadania desenvolvimento”, tendo-nos proposto quatro minutos de intervenção, que declinámos; posteriormente tivemos oportunidade de clarificar que o mesmo estudo iria de encontro às orientações lançadas pela Federação Portuguesa de Futebol, relativamente às questões de género no desporto, nomeadamente quanto à modalidade em estudo, o que acabou por se transformar num fator facilitador durante a pesquisa empírica realizada num período conturbado em que se assistia à transição de poder nos órgãos diretivos do *Club Sport Marítimo* e na *Madeira Futebol SAD*. Estamos por isso gratas por termos conseguido realizar algumas das entrevistas a que nos propusemos.

3.6 Entrevistas e inquéritos a jogadoras

Com este procedimento quisemos abranger antigas e atuais atletas para podermos comparar perfis e contextos entre as gerações. Quando solicitámos a colaboração de antigas atletas no inquérito em suporte de papel, esclarecendo o propósito do nosso estudo, com a garantia de confidencialidade, os tempos e modos de resposta foram muito díspares, havendo colegas que de imediato acederam, disponibilizando fotos e recortes de jornais do seu arquivo pessoal, reavivando muitas das histórias vividas nos treinos, como as condições precárias dos espaços desportivos, dos horários tardios, dos “ridículos” e masculinos equipamentos facultados pelo clube e dos investimentos pessoais a que tudo isso obrigava, quiséssemos nós melhores condições na prática desportiva, e do quanto tínhamos lutado contra os estigmas de colegas, família e públicos. Outras foram que simplesmente, e passado tantos anos, com a vida que têm não quiseram fazer este exercício, sob pretexto, de não quererem voltar a sentir-se ligadas ao Futebol Feminino, exprimindo, no entanto, satisfação por verem as condições melhoradas. Outras ainda, manifestaram pouca ou nenhuma disponibilidade para responder e por fim, outras houve que nada disseram, porventura ligadas a estigmas e memórias antigas de quem se registam, até hoje, o silêncio e o distanciamento.

Quando, para este estudo, decidimos efetuar o inquérito quisemos incluir todas as faixas etárias das atuais praticantes da modalidade, já que nos anos oitenta do século XX, apenas

as jovens em adolescência tardia se aventuravam, de forma mais ou menos comprometida, a praticar a modalidade de Futebol Feminino - consequência de práticas anteriores, quando mais jovens, se misturarem com os rapazes para “jogar à bola” nos intervalos das aulas ou nas férias. Nesta fase, um papel importante teve o Desporto Escolar que já incluía a modalidade praticada no feminino. Hoje, em 2023, é diferente: há observadoras e observadores que, na modalidade de *Scouting*, viajam por esse mundo fora à procura de potenciais atletas para se juntarem aos seus clubes, oferecendo já um vencimento mensal significativo (há quem avance valores como 10.000 euros/mês) embora longe de ser comparável com a mesma atividade no masculino. Os equipamentos são leves e do cimento passaram a jogar em relva sintética, notando-se ainda falta de dinâmica no acompanhamento local do jogo: não há informação ao público, como há nos jogos masculinos (não há painéis digitais, nem microfones).

3.7 Observação direta: treinos e jogos

Por ser um estudo de caso, a escolha residiu sobre o *Club Sport Marítimo*, clube onde praticámos a modalidade, permitindo-nos um olhar comparativo à década de oitenta do século XX, quando iniciámos o nosso percurso como atleta. Para conseguir esta comparação, além da nossa experiência, contamos com a colaboração de antigas atletas, algumas das quais que connosco jogaram, mas que, como nós, se encontram, na sua larga maioria, afastadas desta realidade desportiva.

Ainda, foi importante poder assistir a jogos e a treinos da equipa sénior de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo*, que participa em várias competições a nível nacional, como a Liga BPI, a Taça da Liga e a Taça de Portugal (leia-se a temporada 2021/22) integra ainda atletas que competem e que participam nas seleções de Portugal Sénior, Sub 19 e Sub 17.

Na década de oitenta do século XX, as atletas apareciam para jogar, mas a partir dos artigos e livros sobre o desporto e história do clube constatámos que, na sua maioria, tinham tido um percurso semelhante, ou seja, vinham de outras modalidades desportivas com equipas femininas, como foi o caso da primeira atleta internacional do *Club Sport Marítimo*, Marianela Oliveira, conhecida por “China”. Depois, com um “passa palavra” convincente,

as amigas e familiares juntavam-se para participar ou simplesmente apoiar, assistindo aos jogos praticados em pisos de cimento, com equipamentos masculinos e botas de qualidade duvidosa. Os corpos não estavam habilitados para a modalidade, na medida em que chegavam ao futebol de forma tardia, preparadas para outras modalidades. Hoje já existem planos de treino quer para as seniores quer para os escalões de formação onde, de forma organizada, se indica o local, o horário e o plano de treino. As seniores e em competição nacional, para além do jogo de treino na parte da tarde têm trabalho de ginásio no período da manhã, o que torna os treinos bidirários com conteúdos distintos de terça a sexta.

4. Análise de resultados

De maneira a podermos encontrar formas de compreensão sobre o fenómeno do atual desenvolvimento e atenção que recai sobre a modalidade desportiva de Futebol Feminino, elaborámos, com a permissão das atletas e do coordenador da modalidade, à altura, no *Club Sport Marítimo*, um inquérito às jogadoras que praticam a modalidade naquele clube. Com a ajuda da ferramenta *Google Forms*, o inquérito foi preenchido por uma totalidade de sessenta e nove atletas em oitenta possíveis, entre os meses de março e agosto de 2022, hiato temporal que denuncia a dificuldade em conseguirmos reunir a necessária informação para o estudo em curso.

Paralelamente, fizemos um inquérito às antigas atletas, num total de doze indivíduos, mas desta feita em suporte de papel, tendo havido necessidade, em alguns dos casos, ora de reunir com as atletas ora de enviar por e-mail, devido à ausência da Região. No caso destas inquiridas, a maioria disponibilizou-se para responder, mas algumas houve que se negaram e outras que não responderam à nossa tentativa de contacto. Neste processo foi importante fazermos a abordagem de forma personalizada, enfatizando tratar-se de um estudo científico, salvaguardando o anonimato nas respostas. De realçar ainda, que algumas das atletas do grupo que quisemos abordar já faleceram.

4.1 Inquérito às atletas de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo* – análise de dados por comparação com a realidade atual e a década de oitenta do século XX

Das inúmeras questões elaboradas neste inquérito selecionámos as que consideramos definirem o atual perfil das atletas que depois iremos comparar com o perfil das atletas nos anos oitenta do século XX, década em que o Futebol Feminino se afirma no clube, distanciando-se os dois grupos de cerca de três décadas, muito prejudicado pelos hiatos registados de que neste estudo já falámos.

Vejamos, por exemplo, três variáveis: a fase da sua vida em que iniciam a prática da modalidade, o nível de escolaridade que possuem atualmente e o seu estatuto ocupacional.

Na Gráfico 4.4.1 podemos verificar que a prática da modalidade se inicia entre os oito e os catorze anos de idade, em muito semelhante ao que acontecia nos anos oitenta, com a diferença de se integrar já num escalão, sem que se verifique a necessidade de integrar ora equipas masculinas, ora equipas de escalões etários diferentes do seu.

Gráfico: 4.1.1

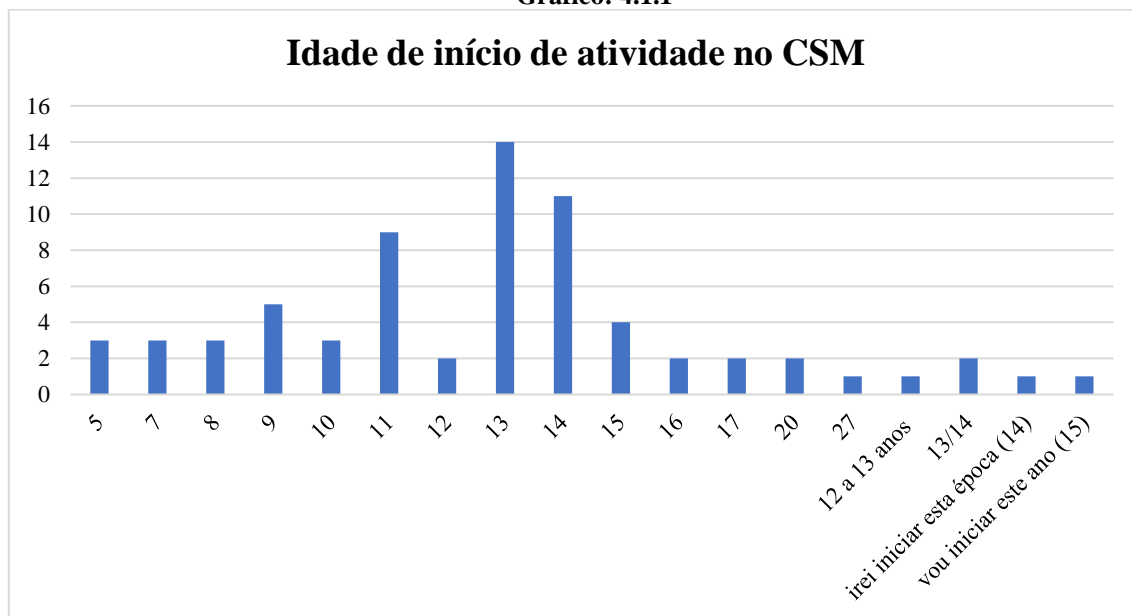


Gráfico relativo à fase em que iniciaram, no *Club Sport Marítimo*, a prática da modalidade de Futebol Feminino. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às atletas

Gráfico: 4.1.2

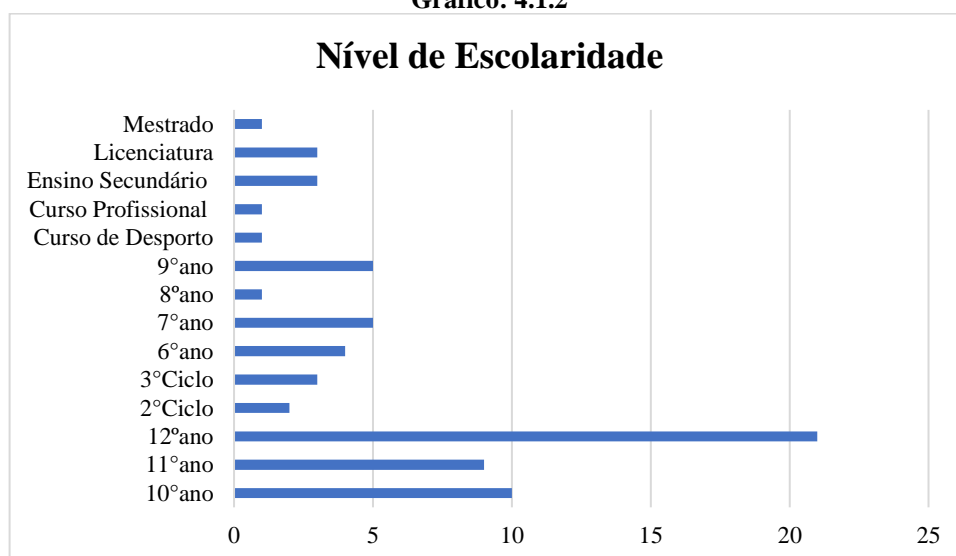


Gráfico relativo ao nível de escolaridade das atuais atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*
Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às atletas

Para esta questão (nível de escolaridade) não se registaram “não respostas”, sobressaindo largamente os indivíduos com o 12º ano de escolaridade (nível de escolaridade obrigatória), mas prevalecendo ainda, um largo número de atletas que ainda não atingiram esse nível, mas que podem vir a atingir e outras, em número reduzido de três atletas que o superaram através de Licenciatura e uma através de Mestrado. Na análise deste gráfico (Gráfico 4.1.2) em particular, há a registar a diferença de respostas para o mesmo nível de escolaridade, como sejam, por exemplo, os segundos e terceiros ciclos de escolaridade, ao invés de 6º, 7º, 8º ou 9º ano. Não obstante, a soma não se altera face à predominância do nível de escolaridade com maior registo.

Gráfico: 4.1.3

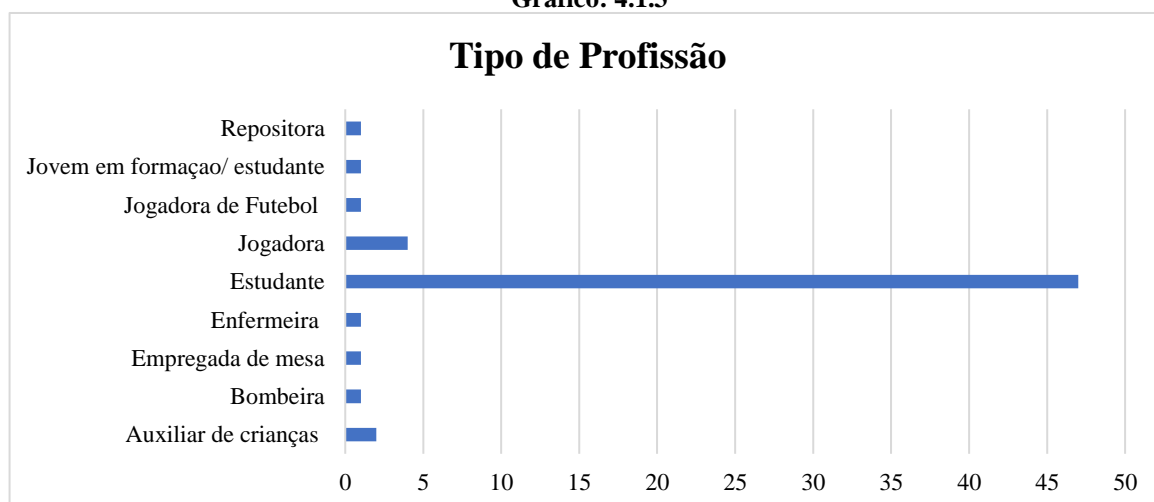


Gráfico relativo à profissão das atuais atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*
Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às atletas

- 10/69 indivíduos não responderam.

Através do Gráfico 4.1.3 verificamos que existe um número elevado de estudantes, num total de 48 indivíduos, 5 indivíduos que se afirmam como “Jogadoras” ou “Jogadora de Futebol” e os restantes que desenvolvem uma profissão, independentemente da prática da modalidade.

Vejamos, nos Gráficos 4.1.4, 4.1.5 e 4.1.6, a realidade das antigas atletas do clube.

Gráfico: 4.1.4

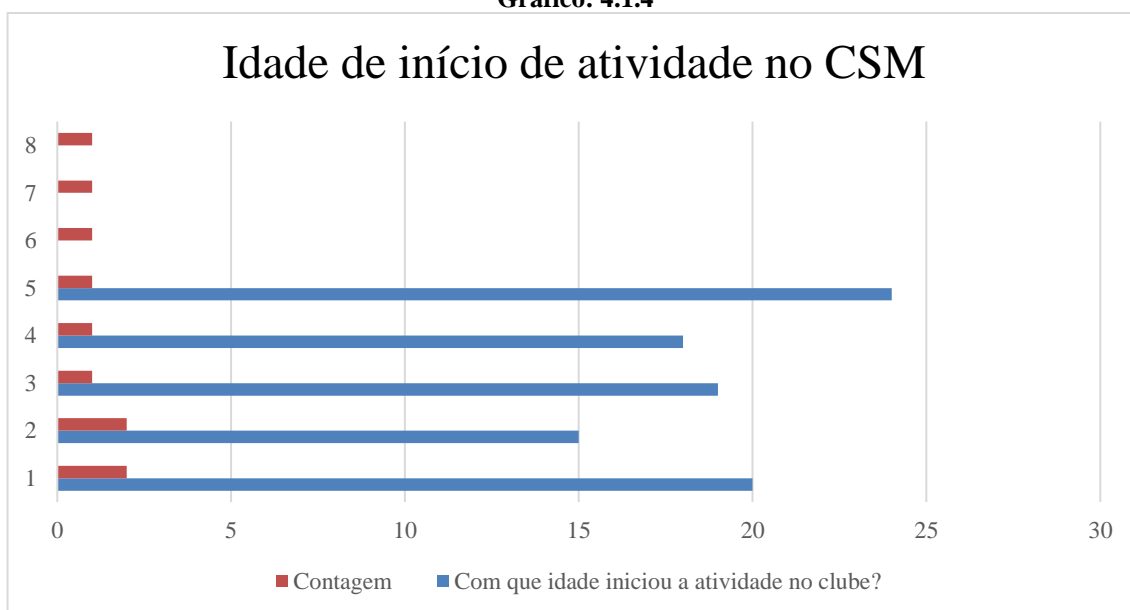


Gráfico relativo à idade de início de atividade das antigas atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às antigas atletas

- 4/12 indivíduos não responderam.

Gráfico: 4.1.5

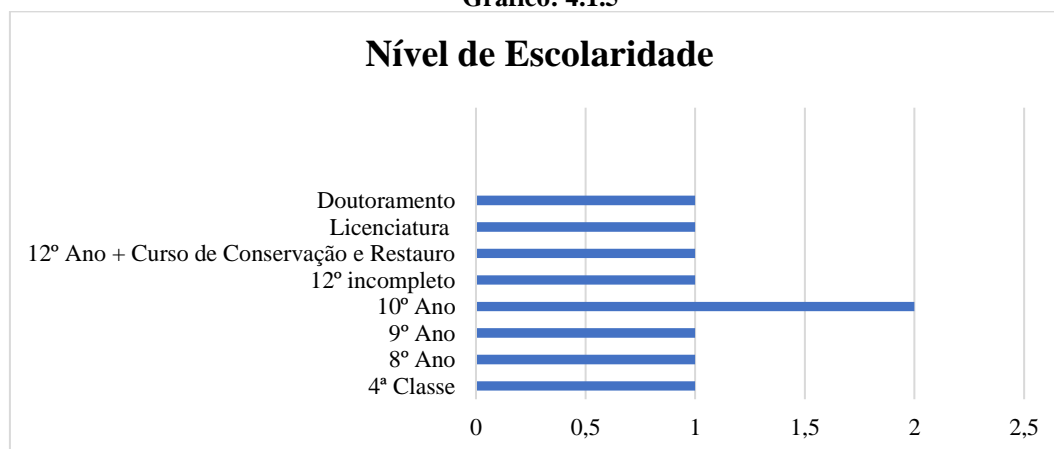


Gráfico relativo ao nível de escolaridade atual das antigas atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às antigas atletas

- 3/12 indivíduos não responderam.

Gráfico: 4.1.6

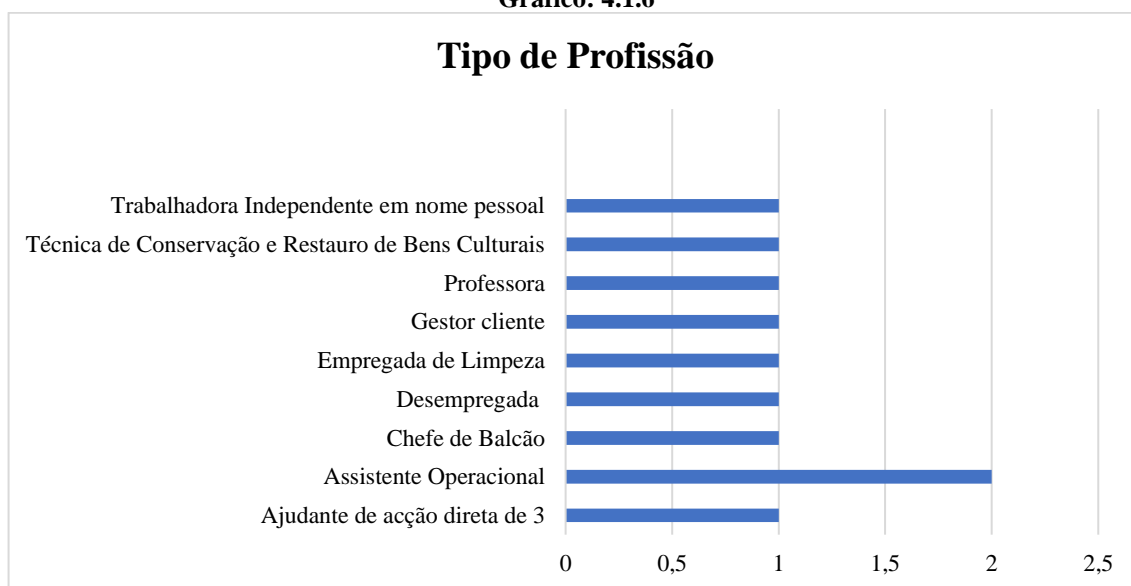


Gráfico relativo à atual profissão das antigas atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*.

Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às antigas atletas

- 2/12 indivíduos não responderam.

Sabemos que, à época em que jogavam, as atletas eram essencialmente estudantes, trabalhadoras no clube ou trabalhadoras noutra instituição. Outras variáveis que se revelam significativas nesta comparação, mas desta feita, relativamente à evolução da modalidade no clube em estudo, são o conforto e a adequação dos equipamentos que vestem, a par dos equipamentos em que treinam ou jogam.

Gráfico: 4.1.7

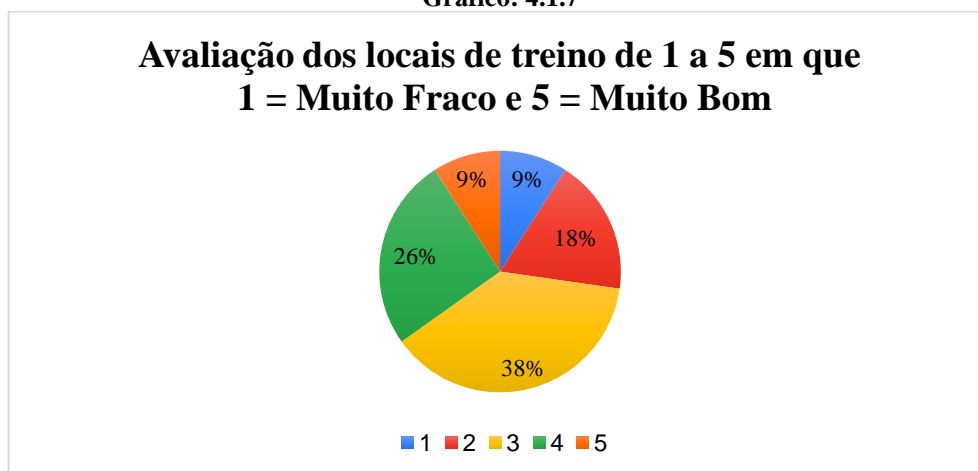


Gráfico relativo à forma como as atuais atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo* avaliam os locais de treino. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às atuais atletas

Gráfico: 4.1.8

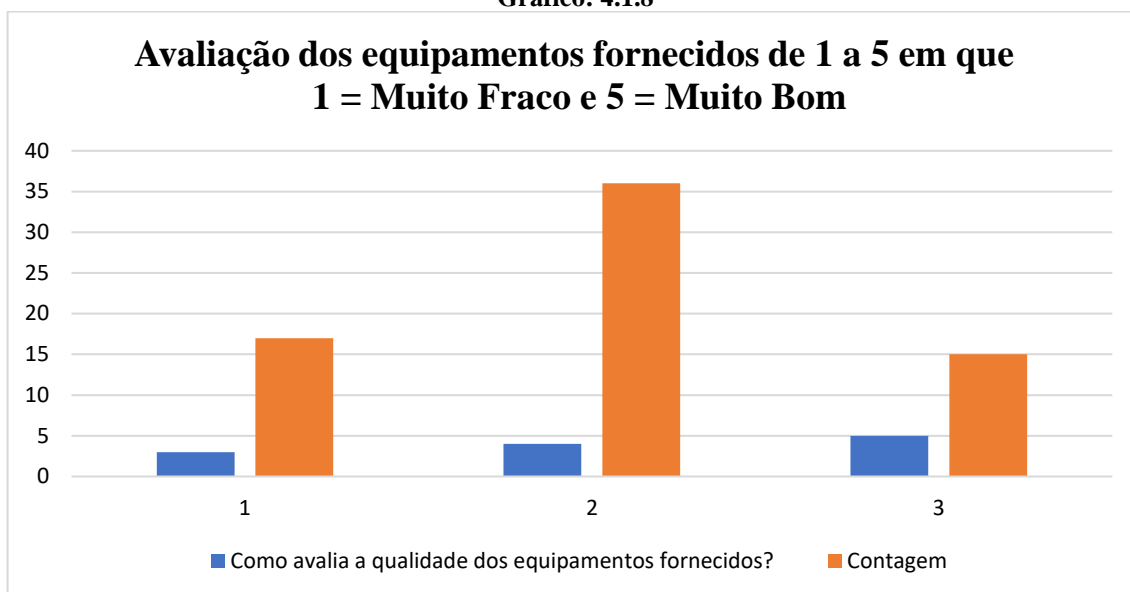


Gráfico relativo à forma como as atuais atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo* avaliam os equipamentos fornecidos. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às atuais atletas

- 2/12 indivíduos não responderam.

Gráfico: 4.1.9

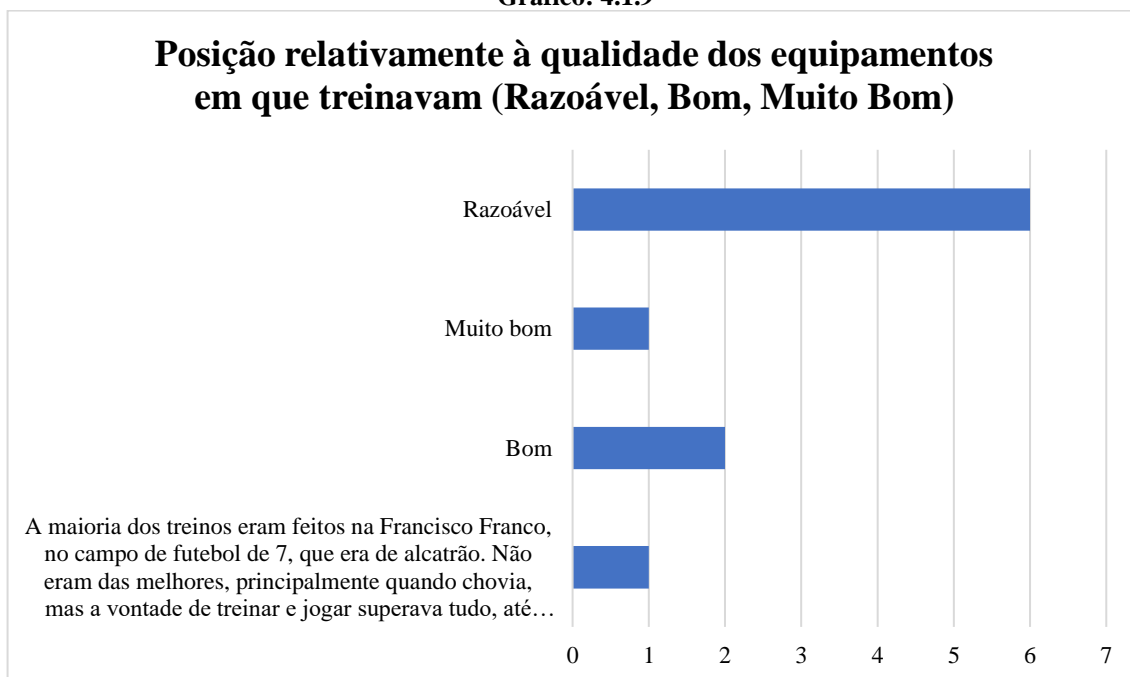


Gráfico relativo à posição das antigas atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo* relativamente aos locais de treino. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às antigas atletas

- 2/12 indivíduos não responderam.

Gráfico: 4.1.10

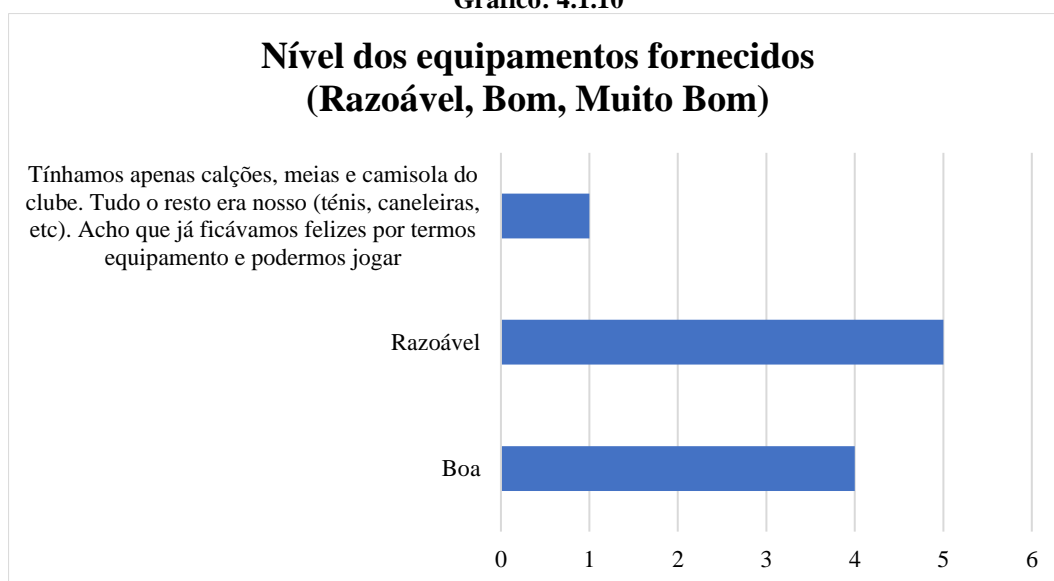


Gráfico relativo à posição das antigas atletas de Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo* relativamente aos equipamentos fornecidos. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às antigas atletas

Leia-se no Gráfico 4.1.9, relativamente aos locais de treino, muitas vezes locais de jogo, também, em que uma antiga jogadora realça não só as condições do lugar, mas também a motivação: “A maioria dos treinos eram feitos na Francisco Franco, no campo de futebol de 7, que era de alcatrão. Não eram das melhores, principalmente quando chovia, mas a vontade de treinar e jogar superava tudo, até as baratas dos balneários.” (antiga atleta CSM). Atualmente, não se registam este tipo de condições, não obstante a satisfação não ser a cem por cento, já que no inquérito, no espaço reservado a “algo mais a acrescentar”, os comentários que ora transcrevermos se debruçam essencialmente sobre os equipamentos:

Deveríamos ter um local de treino melhor, pois treinamos no maracanã [gíria futebolística] e na FF [Escola Francisco Franco] e estamos a competir o campeonato nacional; poderia haver melhores espaços de treino com melhores condições prevenindo lesões, e mais preparação física; conseguimos ser campeãs nacionais basta dar as mesmas condições que dão aos rapazes; melhores condições dos campos onde treinamos e mais tempo de treino, e que as raparigas tenham equipamentos próprios. (atuais atletas de Futebol Feminino do CSM)

Para concluir, ainda um legítimo desejo de uma atleta: “Gostaria muito que valorizassem mais o futebol feminino.” (atual atleta de Futebol Feminino do CSM) Este desejo acreditamos estender-se à comunidade desportiva que pratica a modalidade, sejam elas, atuais ou antigas atletas. Por último, gostaríamos de realçar a motivação em torno da prática da modalidade e a importância do apoio das famílias, fator intergeracional e alicerce de qualquer atleta. A luz ao fundo do túnel vai para a profissionalização e equidade de valores nos contratos laborais, uma conquista que acreditamos poder ser em breve, mas pela qual ainda se anseia.

Reforçando o que já referi, é de louvar o esforço e ambição das atletas, treinadores, dirigentes e federação. São igualmente importantes para que o futebol feminino possa crescer e vingar, daí que a entreaajuda e comunicação sejam fundamentais para o estabelecimento de fortes alicerces para o futuro risonho que se avizinha. Espero vivamente que sejamos o exemplo de que o desporto não é unissexo, seja qual for a modalidade. (atual atleta de Futebol Feminino do CSM)

Não menos importante e complementando, relativamente aos legítimos desejos acima mencionados, será conhecermos as ambições que têm as atuais atletas relativamente à profissão de futebolista profissional e ao conhecimento que têm das conquistas por direitos iguais em Portugal e noutros países. Vejamos os Gráficos que se seguem:

Gráfico: 4.1.11

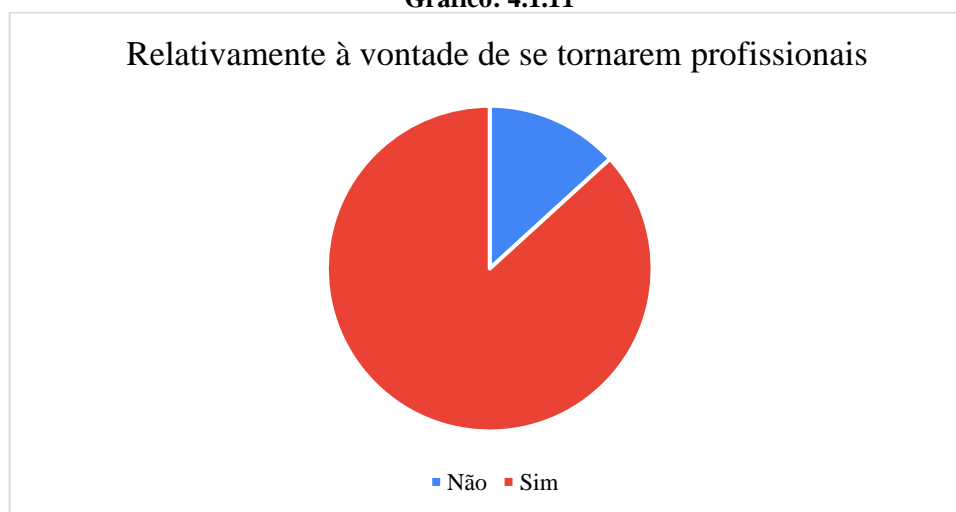


Gráfico relativo à vontade das atletas de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo* relativamente à profissão de futebolista profissional. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às atuais atletas

O Gráfico 4.1.11 refere-se a apenas 9 atletas que não pretendem tornar-se jogadoras profissionais e 59 que pretendem, tendo-se registado uma “não resposta”.

Gráfico: 4.1.12

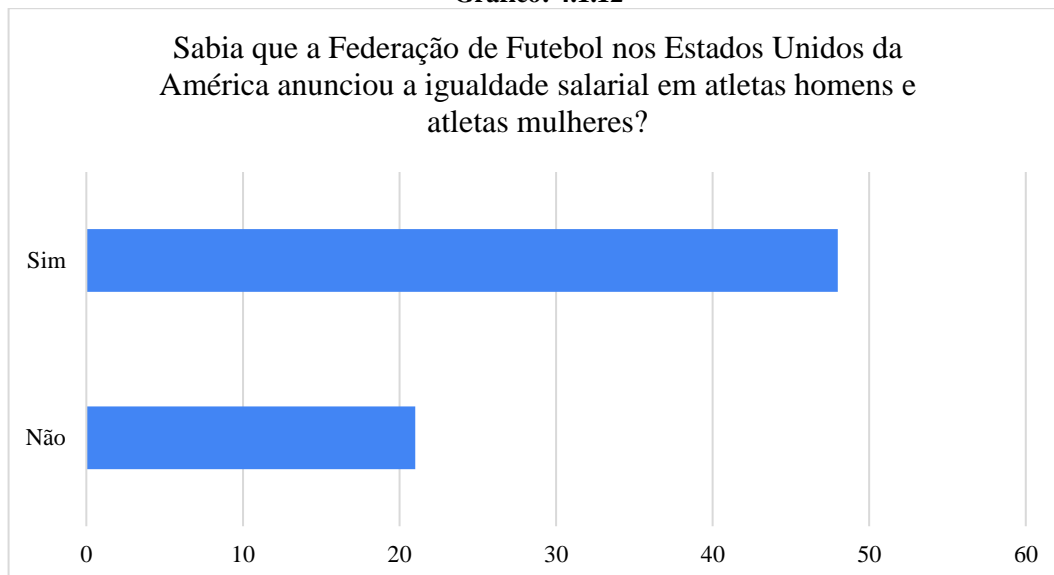


Gráfico relativo à vontade das atletas de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo* relativamente à profissão de futebolista profissional. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às atuais atletas

Gráfico: 4.1.13

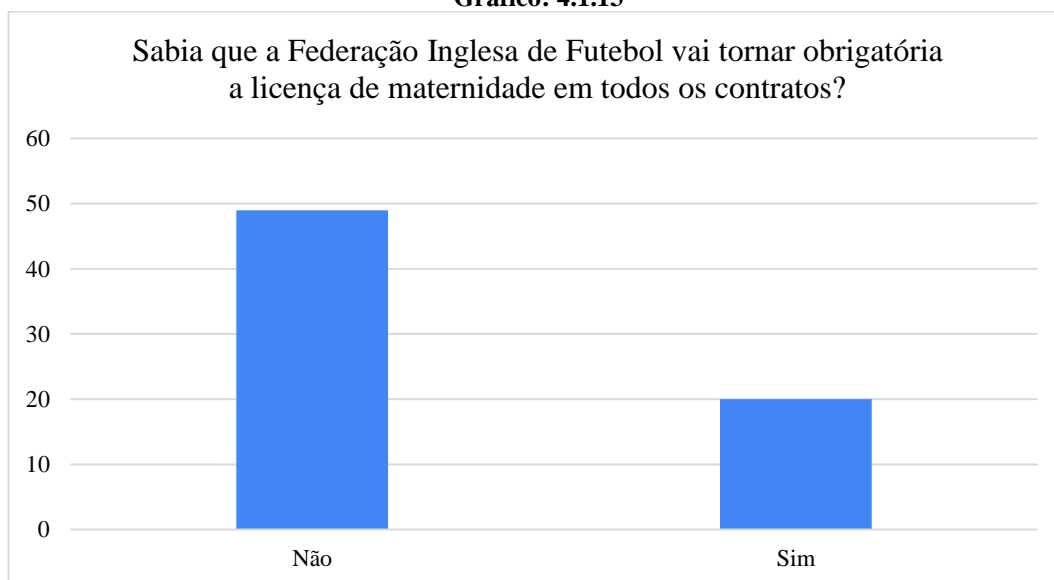


Gráfico relativo à vontade das atletas de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo* relativamente aos seus direitos. Fonte: *Microsoft Excel* – trabalho sobre o inquérito às atuais atletas

Pela análise dos Gráficos 4.1.12 e 4.1.13 podemos perceber claramente, que há um conhecimento dos factos internacionais que dizem respeito a igualdade salarial e um

desconhecimento acentuado relativamente à conquista, em Portugal, dos direitos relativos à maternidade.

Face aos dados acima expostos, gostaríamos de realçar a importância da comparação entre estes dois grupos de indivíduos, cuja prática de Futebol Feminino, no mesmo clube, se distancia em cerca de quatro décadas e de cuja análise do contributo concluímos que existe ainda, um longo caminho a percorrer no que respeita à condição de atleta feminina praticante da modalidade de Futebol. Porém, o potencial financeiro de que se reveste e do largo investimento que se prevê continue a existir na modalidade, dão esperança às atletas para que um conjunto de fatores a nível de equipamentos (figurinos e de espaços físicos), de dirigentes e de respeito pelos direitos e deveres das mulheres, venha a igualar a prática já conquistada pelos atletas masculinos, como manifestado por uma atleta ao afirmar que a sua motivação para praticar Futebol Feminino é, para além do gosto pela modalidade, poder assistir à sua evolução, no geral e no *Club Sport Marítimo*, em particular.

Nesta nossa análise, que resulta do trabalho empírico realizado, lembramos a importância da posição já defendida pelas atletas e das suas lutas, não obstante a dificuldade que têm muitas vezes em se fazer ouvir e impor, cabendo, em nossa opinião, esse importante papel também à classe dirigente que as acompanha. Entre o grupo de antigas atletas que praticaram a modalidade nos anos oitenta do século XX e as atuais atletas que praticam a modalidade na década de vinte do século XXI, os problemas com a identidade de género e a sexualidade, foco interseccional da nossa análise, persistem, não obstante o caminho já percorrido. É nosso entendimento que, a par do estigma social que acompanha estas lutas internas, este é um dos problemas que está na dificuldade de aceitação da prática da modalidade por parte das famílias e do círculo mais próximo de amigos.

PARTE III – SÉCULO XXI: FUTEBOL NO FEMININO

Para a parte três deste trabalho reservámos alguns dos aspetos que dizem respeito à atualidade desta prática desportiva no feminino, o Futebol: organizações, eventos, públicos e profissionalização. Discutem-se os eventos e as organizações, fidelizam-se públicos, estudam-se comportamentos e sobretudo discute-se, com base na equidade de género, o direito à profissionalização de atletas que praticam Futebol Feminino, seja na modalidade de Futebol de Onze, no relvado, seja na modalidade de Futsal, no pavilhão.

Independentemente do que motivou a escolha desta prática desportiva para profissão, sabemos que as organizações nacionais e europeias estabelecem as regras e fazem dos objetivos de caráter económico o cerne da questão, não fosse o Futebol um negócio que movimentasse montantes tão elevados quanto difíceis de perspetivar. A luta no feminino, por forma a atingir valores como no masculino é uma realidade há décadas, não só pelos direitos à remuneração, como pelos direitos específicos da condição de mulher e sobretudo, de profissionalização.

A par desta realidade há os aspetos de ordem social em que se insere o público cujo comportamento, ora de apoio, ora de condenação, importa registar e sobre ele refletir.

O Futebol hoje, de dimensão planetária, com grande audiência televisiva, com várias competições femininas inspiradas nos modelos das competições masculinas, que aos poucos vão ganhando o seu espaço, estão a ter cada vez mais visibilidade e mais público. Nestes últimos tempos temos assistido a vários recordes no que respeita ao número de praticantes, de competições, de eventos associados ao Futebol, e ainda de públicos, com forte presença familiar e feminina. As imagens que nos chegam e são replicadas em lugares como canais de informação desportiva, que tradicionalmente privilegiavam o masculino, tendem a deslocar-se da quase inexistência de cobertura mediática de 2003, para o amplamente noticiado “Portugal empata na estreia”. A 15 de março de 2003, o jornal desportivo “A Bola” publica uma fotografia que acompanha a notícia, em que “[...] Maria José Ritta [à época primeira-dama de Portugal] é fotografada envergando a camisola da selecção nacional” (Brasão, 2004, p. 385). Embora alguma coisa tenha sido feita, não deixa de ser interessante e pertinente, que a peça premiada pelo trabalho assinado pela jornalista Cláudia Martins, que se debruça sobre a visibilidade da mulher desportista nos órgãos de comunicação social desportiva, intitulada “Raparigas da Bola *is changing the game*” - “*every day a new cover*” seria o aviso sobre as assimetrias e a pouca presença das mulheres na notícia, comparada com a mancha masculina: “*In the week that marks International Women’s Day, the group*

highlights the following message: what's the point in celebrating the date if the front covers of sports newspapers are still predominantly covering only male athletes.” (Marketing Communication News, 2022). Se dia 8 de março é o Dia da Mulher, que espaço é dado e que dimensão têm as publicações nos restantes 364 dias do ano é o que move esta organização que se intitula “Raparigas da Bola”.

5. Organizações desportivas nacionais e internacionais para o Futebol

Neste ponto importa-nos listar a hierarquia das organizações desportivas nacionais e internacionais que, no século XXI, apoiam a modalidade desportiva em estudo, o Futebol Feminino e o papel que têm junto dos clubes, por forma a justificar o caráter decisivo na ascensão das modalidades que supervisionam. Falamos da UEFA (*Union of European Football Associations*), da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) e da FPF (Federação Portuguesa de Futebol), organizações responsáveis pelo desempenho da modalidade desportiva em estudo, sobre o clube. É, pois, neste alinhamento vertical que tudo se desenvolve, sendo estas organizações, a par de responsáveis por regulamentar a atividade dos clubes, organizar eventos desportivos que movimentam milhões de espetadores e milhões de euros, lutando todos os dias, os clubes, por nelas participar. Claro está que para que isso aconteça, para que os resultados surjam, é preciso criarem-se as condições necessárias ao bom desempenho das atletas, só possível se houver, por parte dos clubes, um trabalho sistemático a nível das condições que proporcionam, sejam elas equipamentos, como figurinos, de preparação física, de nutrição, de acompanhamento psicológico, de espaços de treino ou de jogo, estabelecendo-se como metas as competições regionais, nacionais e depois internacionais, também aqui com uma hierarquia estabelecida.

O Comité Executivo da UEFA é composto, para além do seu Presidente por 16 membros eleitos pelo congresso da UEFA, dois membros eleitos pela Associação de Clubes e um membro eleito pela Liga europeia, num total 19 pessoas, ou seja, atualmente 18 homens e 1 mulher. No Conselho da FIFA, a totalidade dos membros europeus é de 8, sendo 6, homens e mulheres, 2.

Já relativamente à Liderança das Federações Nacionais Europeias, um exemplo de exceção é o de Halldora Vanda Sigurgeirsdóttir que, em 2 de outubro de 2021, se tornou a

primeira mulher presidente da Associação de Futebol da Islândia. As mulheres continuam longe dos órgãos decisores do Futebol, ainda que se tenha assistido, no discurso que antecedeu a reeleição do presidente Aleksander Ceferin (reeleito por unanimidade para presidente da UEFA para um terceiro mandato), a uma vontade de continuação e reforço do projeto “Time for Action” por si lançado em 2019: “[...] uma estratégia dedicada ao futebol feminino, com o objetivo de duplicar o número de jogadoras na Europa até 2024.” (UEFA, 2019)⁴⁷.

Neste ano de eleições na UEFA (2023), Lise Klaveness apresentou-se como candidata ao Comité Executivo do órgão que tutela o Futebol na Europa e para o qual não foi eleita (foi a décima mais votada entre onze candidatos), afirmando que “o futebol nunca teve mulheres nos principais cargos de decisão europeus” (Klaveness apud *É um problema*, 2023b), ao que concluiu:

“[...] Agora, vamos começar outro período que vai ser igual. Eu não concorri por ser uma líder feminina, porque eu lidero o futebol masculino e o feminino, mas, é um facto, **o maior desporto do mundo, e o maior da Europa para as mulheres, não as tem bem representadas**”, afirmou a presidente da Federação Norueguesa de Futebol (NFF). (Klaveness apud *É um problema*, 2023b)

No congresso da FIFA (Doha, 31.03.2022), Klaveness, havia já reivindicado o respeito pelos direitos humanos, pelas minorias e igualdade de género e, indiretamente, criticado a forma e a atribuição dos campeonatos mundiais da Rússia e do Catar, sendo por isso, contrariada por muitos.

Muito embora Aleksander Ceferin, no discurso que antecedeu a sua vitória falasse em “revolução no futebol feminino na Europa” que se constata ser uma realidade, com um maior número de praticantes e competições, as mulheres ainda estão longe dos lugares de poder decisório. Veja-se, a exemplo, o recente “Conselho dos Sábios” da UEFA, que reuniu sob o mote *We care about Football*, não se fez por incluir uma única mulher, em que Pia Sundhage (treinadora e ex-futebolista sueca), pelo seu percurso e conhecimento do futebol, poderia ter assumido “A voz das Mulheres”. A UEFA dialoga com as partes interessadas do Futebol europeu: as federações nacionais, as Ligas nacionais e europeias e os sindicatos de jogadores,

⁴⁷ A UEFA ambiciona chegar aos 2,5 milhões de praticantes até 2024 (“Aleksander Ceferin...”, 2023a).

tendo desenvolvido laços estreitos com a União Europeia (UEFA 2023). Pretende garantir o que de melhor podem ansiar os adeptos, auscultando o Conselho em reuniões anuais, no sentido de se discutirem questões como a segurança nos estádios, a emissão de bilhetes, as estratégias e campanhas de cariz social e de inclusão, como por exemplo, homofobia, racismo e violência. Outro tipo de incentivo são os prémios que atribui, com objetivo de dar visibilidade às causas, como por exemplo, o prémio “Raízes” sob o lema “O futebol de “raízes” é todo o futebol que não é profissional nem de elite” (UEFA, 2014).

Infelizmente, o *Club Sport Marítimo* ainda não definiu o modelo de gestão no que diz respeito ao Futebol Feminino, uma estrutura que já contempla um grande número de praticantes em vários escalões. Se, a curto prazo, se tornar uma Sociedade Anónima Desportiva (SAD), como sugerido pelo Secretário de Estado do Desporto quando da sua visita às instalações do clube, a exemplo do Futebol sénior masculino, ou mesmo aceitar o investimento privado para um plano de cinco anos para as equipas profissionais masculina e feminina, melhorará a visibilidade do clube a nível nacional em ambos os géneros, de modo a “fazer do Marítimo um dos melhores clubes de Portugal” (Freitas, 2023).

A FPF, que tem um presidente da direção, três vice-presidentes e doze diretores, em que apenas um dos elementos é mulher, tem ainda mais 20 diretores para as várias áreas desportivas, totalizando, neste universo, a participação de nove mulheres. Contudo, tem vindo a incentivar os clubes e associações locais a promover a inclusão das mulheres em órgãos de liderança, como disso foi exemplo a realização, no início de 2023, da segunda edição do curso executivo de Liderança Feminina, promovido pela *Portugal Football School*, com o intuito de preparar as mulheres para funções de liderança e gestão em organizações desportivas. A RAM não é exceção, tendo-se registado, recentemente, uma alteração na coordenação do Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo*, agora coordenado por uma mulher. Pese embora a importância de uma mulher em cargos de decisão, não nos podemos esquecer dos incentivos financeiros que a Federação aplica a quem, no seio das instituições desportivas, nomeadamente clubes, elege a igualdade de género com uma das prioridades.

6. Eventos desportivos: Futebol no feminino

Se por um lado, e a nível internacional, a intenção é fomentar cada vez mais a prática no feminino, assiste-se a uma reinvenção de troféus como no masculino de que se replicam modelos de sucesso, tal como se copiam os modelos de competição, pese embora ainda se encontrem longe da visibilidade, projeção e importância desejadas – ainda assim, a cada meta atingida haverá sempre um passo à frente dado pelas Ligas e competições no masculino. Temos o campeonato do Mundo, a competição mais importante de que pela primeira vez na história a Seleção Portuguesa de Futebol Feminino fez parte, que nas suas mais recentes convocatórias tem vindo a incluir uma atleta madeirense do *Club Sport Marítimo*, Telma Encarnação⁴⁸. Foi igualmente este ano e pela primeira vez, que se disputou a Finalíssima Feminina, competição de seleções entre as vencedoras de Copa América e a campeã europeia a que acompanha o reforço e forte promoção da Liga dos Campeões. A estreia na Liga dos Campeões, por uma equipa portuguesa, foi em 2021. Esta Liga é a única competição de Futebol para equipas femininas da UEFA: gera grandes receitas para os clubes, o que aumenta a possibilidade de investimento na modalidade e, com isso, fazer parte da elite europeia feminina. Outra competição que resulta numa forte adesão da prática de Futebol no feminino são os campeonatos europeus de Futebol Feminino Sub19 e Sub17, assim como a recente organização do campeonato da Europa, cuja última edição, em 2022, foi ganha por Inglaterra, país organizador onde, de acordo com a UEFA desenvolveu uma campanha no sentido de inspirar futuras gerações através da promoção da liderança que o país detém na modalidade:

The UEFA Women's Euro's 2022 is coming to Manchester and Trafford and provides us with the unique opportunity to inspire the next generation of female footballers. We want to grow and develop future leaders of the female game to ensure that women and girls in Greater Manchester have role models they can relate to and aspire to be.

⁴⁸ Em 2023, também Fátima Pinto. Ambas participaram no Campeonato Mundial de Futebol Feminino 2023, tendo Telma Encarnação sido a primeira jogadora a marcar um golo por Portugal (Portugal-Vietname, 2-0), na segunda jornada da fase de grupos. No final deste jogo Telma Encarnação recebeu o troféu de melhor jogadora em campo na partida.

Com a entrada dos grandes clubes nas competições nacionais e muito recentemente, nas competições europeias, mostra para as competências desportivas das atletas, ajuda também à atração de marcas de patrocínio, constituindo um reforço de receitas para o seu clube, participando, a partir daí, diretamente na melhoria da sua condição desportiva, que pode ir desde os equipamentos com que cada uma treina e joga, a uma equipa técnica especializada e até aos próprios campos de treino e jogo, fenómeno a que não são indiferentes as máquinas promocionais das próprias competições, criando-se aqui um circuito crescente de financiamento e evolução da modalidade.

O Futebol moderno, que apenas se compreende e estuda com a contribuição de diferentes e distintos olhares interdisciplinares, como a psicologia (comportamento individual e coletivo), a sociologia (suas práticas), a antropologia, a história social e a filosofia, para citar apenas alguns, ajudam a desenvolver um olhar profundo e atento sobre o indivíduo e a sociedade, tal é a complexidade e a transformação do jogo: se por um lado, “jogos como o futebol são praticados por toda a parte da mesma maneira e a dinâmica configuracional de base é a mesma em todo o lado” (Elias & Duning, 2019, p. 411), por outro, recheado de “um complexo de polaridades interdependentes criadas no padrão de jogo”, têm vindo a sofrer uma “transformação do jogo de um espetáculo ao vivo, na sua essência, para um espetáculo mediático - sobretudo televisivo” (Cristóvão, 2022a).

De todos os eventos globais desportivos, a nível de receitas, o campeonato do mundo de Futebol está no topo. A exemplo disso, vejam-se os valores associados à recente realização do Mundial do Catar, assim como as várias polémicas como acusações de suborno e de violação dos direitos humanos. A globalização do desporto em geral, faz reduzir a influência das instituições locais e nacionais em detrimento de organizações e fluxos internacionais, em prol de um público que cresce cada vez mais em torno desta forte indústria.

Negócios de venda de bilhetes para os jogos ou experiências futebolísticas em estádios com grandes e completas condições para a fruição, onde se realizam autênticos espetáculos desportivos e de entretenimento, meticulosamente preparados com o suporte de grandes patrocinadores que disputam entre si, tal a dimensão do negócio e visibilidade, em que os direitos de transmissão do evento ao vivo constituem o acontecimento mais valorizado: todos querem participar ou assistir à “comunicação do conhecimento futebolístico e a identificação com uma equipa, bem como a prática do jogo — e, no caso dos mais jovens, o sonho de se tornarem jogadores profissionais” (Tiesler & Coelho, 2006, p. 315). Quando, em 2001, Jean

Paul Brigger, na qualidade de representante da Federação Internacional de Futebol (FIFA), durante o congresso da UEFA afirmou “o futuro do futebol é feminino”, na verdade até hoje, mais de duas décadas depois, isso não se verifica e as mulheres continuam a lutar por condições elementares, como seja o contrato de trabalho dignificante, o que denota uma larga resistência do poder masculino há muito instituído.

Com as recentes estratégias da competição da Liga dos Campeões, que a UEFA tem vindo a adotar para a competição masculina, inspirada no modelo de espetáculo americano *Super Bowl* (final da Liga americana de Futebol Americano) convoca-se o espetador aos lugares mágicos da modalidade, no recinto da prática da modalidade estimulando no público, cada vez mais, a avidez por experiências diferenciadoras.

A transmissão dos eventos, com dinâmicas muito próprias e com clara associação ao pequeno ecrã, em que se inclui o telemóvel (próprio do momento social que atravessamos), interativos e com uma relação próxima da tecnologia, confere magia à captação do real através de uma multiplicidade de planos e *frames*, ora de *travelling*, ora de zoom, num olhar diferenciador dos presentes. Este virtual, replicado nas redes sociais, confere ainda mais importância à promoção e divulgação do evento (Monteiro, 2012).

Veja-se, a exemplo, o que propõe a parceira PEPSI que aposta no *TikTok* para “apenas” promover espetáculo na final da Liga dos Campeões, divulgando vídeos de dois jogadores e uma jogadora de Futebol, convidando e desafiando os seguidores a reproduzirem eles mesmos, o movimento, usando a música de fundo de Burna Boy *Kickoff Show by PEPSI* – este espetáculo que antecedeu o jogo pôde ser acompanhado através da televisão local, e nos canais *YouTube* e *TikTok*, da UEFA e no Canal *TikTok*, da PEPSI. No feminino não foi diferente, pois todos os jogos da fase de grupos e em diante da presente edição da UEFA, *Women's Champions League*, foram transmitidos em direto na plataforma de *streaming* DAZN⁴⁹, juntamente com o *YouTube*.

Veja-se o forte apelo no vídeo *We ALL Rise With More Eyes*, convocando todas as mulheres de todas as latitudes e sustentando a sua posição da seguinte forma: “Desenvolvemos a estratégia principal para sustentar a campanha de lançamento e todo o conteúdo futuro do canal e trabalhamos com vários jogadores para criar um filme de herói

⁴⁹ DAZN – canal *YouTube* da UEFA *Women's Champions League* onde são mostrados todos os jogos e conteúdos. Veja-se a lista de países detentores de direitos: Médio Oriente/Norte de África (Argélia, Bahrain, Chade, Djibuti, Egipto, Irão, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Palestina (incluindo a Faixa de Gaza e a Cisjordânia), Qatar, Arábia Saudita, Somália, Sudão, Síria, Tunísia, Emirados Árabes Unidos, Iémen).

que repercutiu em todo o futebol feminino”⁵⁰ (Cullen+Ola, s.d.). Contar as histórias também é um aproveitamento de alguns clubes europeus ligando a sua atual realidade com a do futuro, agora na metaverso. Em breve, o *Manchester City*, clube inglês de uma das ligas mais competitivas do mundo, lançará o primeiro estádio de futebol na metaverso. A oportunidade de que os espetadores possam assistir aos jogos ao vivo, no conforto das suas casas, como se estivessem no próprio estádio, uma experiência virtual próxima da real, que possibilita aos espetadores a visualização dos jogos de diferentes ângulos, com som ambiente da área de jogo – uma verdadeira realidade virtual.

Como é sabido, nem só de espetáculo vive o desporto. Atualmente, já se organizam muitos eventos, criam-se Observatórios e escolas de reflexão sobre o desporto no geral e o Futebol, em particular. Em Portugal, há exemplos disso com a criação da Cidade do Futebol e todas as estruturas de observação e estudo que nela a Federação criou. Discute-se, na *Football Talks*, a “Qualidade do Jogo, Tecnologia, Esports, Novas Fontes de Receita, Infraestruturas, Geografia das Competições, o Feminino, Inovação, Causas Sociais e Ambientais, Integridade e Inclusão” (AFAlgarve, 2022) e no *Thinking Football Summit*, profissionais da indústria do Futebol discutem sobre tecnologia, inovação, *networking* e entretenimento do jogo. Os eventos são organizados por empresas globais de gestão do desporto, patrocinados por grandes grupos financeiros e económicos internacionais, também eles patrocinadores de clubes, de seleções e consequentemente, de atletas, treinadores e técnicos do desporto.

A nível regional, o *Club Sport Marítimo* procura acompanhar esta realidade em associação com a Universidade da Madeira, criando e desenvolvendo eventos que procuram estudar e ajudar a refletir sobre as questões acima apontadas, também direcionadas para a realidade local. Ainda assim, lamentamos o facto de a maioria dos oradores convidados serem homens, registando-se uma presença muito reduzida de mulheres envolvidas nestes processos.

⁵⁰ Tradução da autora. Texto no original: “We developed the core strategy to underpin the launch campaign and all future content on the channel and worked with multiple players to create a hero film that resonated throughout all of women's football.” (Cullen+Ola, s.d.)

7. Atletas do século XXI: o caminho para a profissionalização

O exemplo da Região como ponto de partida: ao adiar-se o modelo para a modalidade de Futebol no feminino, num clube com a dimensão do *Club Sport Marítimo*, faz-nos reear sobre o futuro da modalidade, ainda que a Federação Portuguesa de Futebol esteja atenta e identificada com o que foi proposto pelo Presidente do Sindicato de Jogadores, que pretende equiparar o salário mínimo do Futebol Feminino ao masculino, assim como o seu compromisso com o grupo governamental recentemente criado e de que neste estudo já falámos, de trabalho de género no desporto. Contudo, sabemos que as existentes e acentuadas desigualdades, mesmo em geografias onde já tenham conquistado ganhos significativos, podem evoluir negativamente se o apoio for intermitente ou descontinuado. Por exemplo, a liga profissional americana, apesar das conquistas na igualdade de género, ainda carece de muito investimento e o apelo foi feito pela capitã da seleção americana após a conquista do Campeonato do Mundo, em 2022. Embora aquele continente seja uma referência de lutas e conquistas, ainda se assiste a uns alguns atropelos: vejamos o desfecho da greve contra as desigualdades desencadeada pela Seleção Feminina de Futebol canadiana, que desistiu da sua luta pela igualdade devido a uma ameaça judicial. Na Europa, ao invés, a maioria das Ligas femininas dispõem, de momento, de bons indicadores de crescimento. Em Portugal, a Federação Portuguesa de Futebol abriu concurso para selecionador da equipa masculina, com um anúncio para feminino, masculino ou neutro. Não obstante, contactámos, ao longo deste estudo que os investigadores/autores referem que os atletas, nomeadamente os “Jogadores Estrela”, são inacessíveis aos estudos científicos, opinião de que partilhamos, devido aos medos e receios que têm, blindando toda e qualquer informação para não perderem regalias como aumentos de ordenado e prémios de jogo, tornando, inclusivamente impossibilitada a partilha dentro e fora do balneário.

Conclusão

Tem sido motivante estudar a modalidade de Futebol Feminino, sob o prisma dos *Estudos sobre Mulheres – Género, Cidadania e Desenvolvimento*, em que a condição de se “ser mulher” acompanha, não só a prática da modalidade, como a luta por mais e melhores

direitos e o respeito pela diferença. Devido ao tempo que dedicámos a este estudo (2021-2022), pudemos acompanhar o desenvolvimento da modalidade no clube, na Região Autónoma da Madeira, no país e no mundo. A evolução da modalidade deixou-nos, em muitas ocasiões, surpreendidas com o fenómeno de apoio desportivo e adesão popular, levando a que, devido à sua visibilidade, muitas vezes se levantassem pela equidade de tratamento entre homens e mulheres, por ordenados mais justos e contratos mais inclusivos no respeito pelos direitos das minorias e, em particular, das mulheres. A título de curiosidade vejamos os números: temos vindo a assistir a um aumento substancial do número de espetadores nos jogos de Futebol Feminino, especialmente em grandes disputas. Por exemplo, a 30 de março de 2022, no jogo Barcelona vs Real Madrid registou-se um record mundial de assistência de 91.553 espetadores e igual comportamento se registou durante a final do Campeonato da Europa, a 31 de julho de 2022, num jogo entre as seleções de Inglaterra e Alemanha, com um total de 87.192 espetadores, recorde absoluto que superou as seleções masculinas. Assistimos ainda, a outros fenómenos: em Portugal tivemos o apuramento histórico da Seleção A de Futebol Feminino para o Campeonato Mundial de Futebol Feminino, em 2023. Apesar do deslumbre e importância dos números, que refletem o apoio do público à modalidade e encaixe financeiro, ajudam a atrair patrocinadores e mais financiamento, há um foco importante das jogadoras a destacar: não desistem do que, a par da sua condição de mulher, socialmente as move, como seja, por exemplo, a recente indignação da melhor atleta da Liga americana, Alex Morgan, quando se insurge com o apoio financeiro de uma autoridade turística da Arábia Saudita ao Campeonato Mundial de Futebol Feminino de 2023 (de 20 julho a 20 de agosto na Nova Zelândia e na Austrália), por considerar tal decisão não ter sentido, vinda de um país que reprime as mulheres e que não apoia a sua, recém-criada, seleção feminina, deixando mesmo uma mensagem nesse sentido, ao Presidente da FIFA – as lutas no Futebol acompanham, portanto, as lutas sociais. Outro dos aspetos que também pudemos comprovar, em que Portugal não é exceção, é o estigma da feminilidade, que associámos ao “mito da beleza”, quando as jogadoras mulheres se vêm “obrigadas” a usar cabelos compridos e unhas pintadas, sendo enaltecidas pela sua aparência ao invés da sua competência na função. De forma paradoxal, ainda pudemos constatar o encanto pelas tatuagens, prática já largamente desenvolvida, quiçá inspiração e referência, pelos jogadores masculinos: uma jogadora competente é uma jogadora eficaz no seu trabalho ou uma jogadora que aparenta bem?

O nosso estudo, sendo um estudo de caso, que tem como referência o *Club Sport Marítimo* (1980-2023) reflete a realidade regional na prática de Futebol Feminino. Apoiados no conhecimento pessoal da prática da modalidade e acompanhamento ao longo de décadas, conseguimos compreender a evolução da mesma ao longo dos últimos tempos, na resposta aos desafios que foram sendo lançados pela Federação Portuguesa de Futebol aos clubes em geral e a este clube, em particular. Do investimento visível realça-se o aumento das classes de formação e a melhoria dos espaços e equipamentos (espaços e indumentária). Contudo, a representatividade feminina nos órgãos de governo desportivos revela-se ainda, deficitária. A par disso, a ausência de um conjunto de infraestruturas de apoio, nomeadamente de ordem técnica e de recursos humanos, essenciais ao acompanhamento do desenvolvimento das atletas, não acompanhou a exigência desta modalidade desportiva a que não é indiferente, na nossa perspetiva, o facto de serem mulheres. O que se regista sim, com agrado é o elevado nível de escolaridade das atletas, diferente de há quatro décadas. No *Club Sport Marítimo*, o Futebol Feminino não é autossustentável. Em nosso entendimento deveria ter um departamento autónomo, distinto do Futebol Masculino, por forma a que se percebesse a sua verdadeira viabilidade. Por fim, o trabalho do caminho para a profissionalização está a ser feito, mas continua difícil e acompanhará outros clubes da Liga BPI, já que para isso, o investimento terá de aumentar.

Com este trabalho e o caminho que percorremos no campo teórico e na pesquisa empírica, esperamos ter contribuído para o estudo da modalidade no clube e na Região, desbravando terreno para que, com este e a partir deste, outros estudos sobre a complexidade do Futebol Feminino se realizem.

Bibliografia

- Abreu, E. (2023, 10 de fevereiro). Sindicato dos Jogadores pede salário mínimo equiparado para o futebol feminino e masculino. *JornalismoPortoNet*. <https://www.jpn.up.pt/2023/02/10/sindicato-dos-jogadores-pede-salario-minimo-equiparado-para-o-futebol-feminino-e-masculino/>
- Abreu, E. (2023, 8 de março). W-Sport: Nasceu o primeiro canal português dedicado ao desporto feminino. *JornalismoPortoNet*. <https://www.jpn.up.pt/2023/03/08/w-sport-nasceu-o-primeiro-canal-portugues-de-desporto-feminino/>
- AFALGARVE (s.d.). <https://afalgarve.pt/>
- Albuquerque, R. (2013). Associativismo, capital social e mobilidade. Contributo para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal. Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.). <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179891/Tese+41.pdf>
- Almeida, I. (2023, 9 de fevereiro). Federação “vê com bons olhos” o acordo para o futebol feminino. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/desporto/federacao-ve-com-bons-olhos-o-acordo-para-o-futebol-feminino-15810643.html>
- Amâncio, L. (2003). O género no discurso das ciências sociais. *Análise Social*, vol. XXXVIII (168), 687-714. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218791078B9rDE5id4Po89MU8.pdf>
- Amaral, A.L. (2001). Desconstruindo identidades: ler 'Novas Cartas Portuguesas' à luz da teoria queer. *Cadernos de Literatura Comparada*, (3-4), 77–91. <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/58>
- Amaral, A.L. (2018). *Arder a palavra e outros incêndios*. Relógio D'Água.
- Arquivo e Biblioteca da Madeira (2020). *Arquivo William Hinton & Sons*, idd n.º164. <https://abm.madeira.gov.pt/idd/IDD164.pdf>
- Arquivo e Biblioteca da Madeira (2023 DRABM). *William Hinton & Sons*. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=120857>
- Arruza, C. (2019). *Feminismos para os 99% - Um Manifesto*. Objetiva.
- Associação de Futebol do Algarve (2022, 31 de agosto). *FPF Football Talks 2022*. <https://afalgarve.pt/af-algarve-congresso-internacional-football-talks/>
- Austin, J.L. (1962). How to do things with words. The William James lectures delivered at

- Harvard University in 1955. Oxford University Press.
- Bader, V. (2008). *Racismo, Etnicidade, Cidadania: Reflexões sociológicas e filosóficas*. Edições Afrontamento.
- Bartolomeu, M. (2022, 20 de janeiro). O Scouting e o Futebol Feminino: um olhar para o futuro. *FairPlay*. <https://fairplay.pt/futebol/futebolnacional/futebol-feminino/o-scouting-e-o-futebol-feminino-um-olhar-para-o-futuro/>
- Bomdia Europa (2021, dezembro 1). *Treinadora que goleou Benfica tem raízes portuguesas*. <https://bomdia.eu/treinadora-que-goleou-benfica-tem-raizes-portuguesas/>
- Burlamaqui, L.G. (2022). FIFA: da descolonização à intervenção americana. *Electra*, (17)163-170. Fundação EDP.
- Butler, J. (1988). Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, 40(4), 519–531. <https://doi.org/10.2307/3207893>
- Butler, J. (2000). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, (2ª ed.), 151-167.
- Butler, J. (2002). *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del «sexo»*. Paidós.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo, e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2017) [1990]. *Problemas de Género*. Orfeu Negro.
- Brandão, A. (2010). *E se tu fosses um rapaz? Homo-erotismo Feminino e Construção Social da Identidade*. Edições Afrontamento.
- Brasão, I. (2000). *Dons e Disciplinas do Corpo Feminino*. Deriva.
- Brasão, I. (2004). Improváveis simetrias: Um Retrato do Futebol Feminino. In Neves, J. & Domingos, N. (Org). *A época do futebol. O jogo visto pelas ciências sociais*. Assírio & Alvim.
- Brito, P.M.A.P. (2013). *O Futebol Feminino na Escola de Futebol Hernâni Gonçalves*. (Relatório de Estágio). Universidade do Porto. Faculdade de Desporto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/68493/2/23310.pdf>
- Camargo, W.X. (2008). Sexualidades, esportes e Teoria Queer: inter-relações. *Revista Estudos Feministas*, 16 (3). <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300032>
- Cardão, M. (2022). A nacionalização de Eusébio: povo, cultura popular e pós-colonialismo.

- Electra*, (17)173-182. Fundação EDP.
- Cardoso, G. (2013). (Coord.). *A sociedade dos ecrãs*. Tinta-da-China.
- Carmo, H. & Ferreira, M.M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para a auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Club Sport Marítimo (2022). <https://www.csmaritimo.org.pt/clube/instalacoes>
- Coelho, A. Z. S. M. (2018). *Futebol feminino: um produto anexo: documentário sobre o futebol feminino*. (Trabalho de projeto do Mestrado). Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social. <http://hdl.handle.net/10400.21/9380>
- Colling, L. (2007). Mais definições em trânsito. Teoria Queer. *Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*.
<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>
- Connel, R. (2002). *Gender*. Polity Press.
- Coutinho, P. (2023, 16 de março). Percursos desportivos, com Patrícia Coutinho. *Portugal Football Observatory*. [Podcast].
<https://portugalfootballobservatory.fpf.pt/Content.aspx?id=445>
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>
- Cristovão, L. (2022a, 26 de maio). Futebol e capitalismo a: história de uma tensão. *Setenta e Quatro*. <https://setentaequatro.pt/ensaio/futebol-e-capitalismo-historia-de-uma-tensao>
- Cristóvão, L. (2022b, 7 de julho). A Luta do futebol feminino: do querer ao poder. *Setenta e Quatro*. <https://setentaequatro.pt/ensaio/luta-do-futebol-no-feminino-do-querer-ao-poder>
- Cullen + Ola. *We all rise with more yes: campaign*. <https://www.cullenandola.com/we-all-rise>
- Davies, A. (2020) [2015]. *A liberdade é uma luta constante*. Antígona.
- Davis-Delano, L. R., Pollock, A., & Ellsworth Vose, J. (2009). Apologetic Behavior Among Female Athletes: A New Questionnaire and Initial Results. *International Review for the Sociology of Sport*, 44(2-3), 131-150.
<https://doi.org/10.1177/1012690209335524>
- Durães, P. (2021, 17 de novembro). Raparigas da bola entram em Campo Nos Lia e dão

- duas pratas à Hava Lisboa. Meios e Publicidade.
<https://www.meiosepublicidade.pt/2021/11/raparigas-da-bola-entram-em-campo-nos-lia-e-dao-duas-pratas-a-havas-lisboa-com-video/>
- East, J. (2022, 27 de maio). Seis pioneiras do futebol feminino do Goal Power do Brighton Museum! *Museum Crush*. <https://museumcrush.org/six-pioneers-of-womens-football-from-brighton-museums-goal-power/>
- Elias, N. & Dunning, E. (2019). *A busca da excitação. Desporto e lazer no processo civilizacional*. Edições 70.
- Esteves, A. & Azevedo, J. (1998). (Org.). *Metodologias qualitativas das Ciências Sociais*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Sociologia.
<http://hdl.handle.net/10216/9161>
- Faria, W. (2004). Marítimo apresentou projecto para o futebol feminino. Fortalecer a popularidade. *Jornal da Madeira, Caderno de Desporto*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/2004/PT-ABM-COLJOR-1353_20040928.pdf
- Federação Portuguesa de Futebol (2022, 3 de novembro). Todo o país já conhece o “Futebol 2030”. <https://www.fpf.pt/pt/News/Todas-as-not%C3%ADcias/Not%C3%ADcia/news/36934>
- Federação Portuguesa de Futebol (2023, 23 de janeiro). *Liderança Feminina em Marcha*. <https://www.fpf.pt/pt/News/Todas-as-not%C3%ADcias/Not%C3%ADcia/news/38113>
- Félix, C. (2021, 30 de outubro). Simone Biles escolheu-se a si mesma. *A Revista do Expresso*, 19-24.
- Ferreira, M.L. (2019, 14 de junho). Todo o mundo tenta, mas a brasileira Marta só aceita patrocínios quando lhe pagarem o mesmo que a um homem. *Observador*. <https://observador.pt/2019/06/14/todo-o-mundo-tenta-mas-a-brasileira-marta-so-aceita-patrocínios-quando-lhe-pagarem-o-mesmo-que-a-um-homem/>
- Ferreira, V., Ávila, M.B., Falquet, J. & Abreu, M. (Orgs.) (2014). *O Patriarcado Desvendado. Teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tablet, Nicole-Claude Mathieu*. Ed.SOS Corpo.
- Ferretti, M.A.C., Zuzzi, R. P., Viana, A. E. S. & Vilha Júnior, F. M. (2011). O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. *Motriz: Revista de Educação Física*, 17(1), 117-127. <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p117>

- Fischer-Lichte, E. (2019) [2004]. *Estética do Performativo*. Orfeu Negro
- França, K.B. (2005). Corpo, gênero e sexualidade: discussões. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1), 186-190, janeiro-abril.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100014/7830>
- Freitas, L.F. (1981, 4 de dezembro). O Club Sport Marítimo e o Futebol Feminino. *Jornal da Madeira*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1981/PT-ABM-COLJOR-1085_19811204.pdf
- Freitas, M. (2023, 15 de março). Alex Bunbury vai investir no Marítimo: “Vou apresentar plano para cinco anos”. *O Jogo*. <https://www.ojogo.pt/futebol/1a-liga/maritimo/noticias/alex-bunbury-vai-investir-no-maritimo-vou-apresentar-plano-para-cinco-anos-16009924.html>
- Futebol 2030. *Plano Estratégico para a Década*. <https://futebol2030.fpf.pt/>
- Globoesporte.com (2013, 2 de janeiro). Blatter aposta alto no futebol feminino e prevê: “As mulheres são o futuro”. <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/01/blatter-aposta-alto-no-futebol-feminino-e-preve-mulheres-sao-o-futuro.html>
- Gomes, P. B., Silva, P. & Cruz, I. (Eds.). (2009). *Igualdade de gênero no desporto. Educação e políticas públicas*. Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto.
- Gonçalves, M. (1972, 18 de fevereiro). Crónica Desportiva de Espanha. *Jornal da Madeira*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1972/PT-ABM-COLJOR-1037_19720218.pdf
- Graça, P. (2022, 12 de março). Jovem futebolista do Marítimo sofre lesão grave. *Jornal da Madeira*. https://www.jm-madeira.pt/regiao/ver/163445/Jovem_futebolista_do_Maritimo_sofre_lesao_grave_
- Guerreiro, A. (2022). O futebol, essa religião civil. *Electra*, (17)144-146. Fundação EDP.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), 7-41.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>
- Hatherly, S. (s.d.). *change the news*. <http://www.saviohatherly.com/change-the-news>
- hooks, b. (2018) [2015]. *Não serei eu mulher? As mulheres negras e o feminismo*. Orfeu Negro.

- hooks, b. (2020) [2015]. *Teoria Feminista*. Orfeu Negro.
- Ince-Yenilmez, M. (2020, 19 de junho). Book Review: New Sporting Femininities: Embodied Politics in Postfeminist Times edited by Kim Toffoletti, Holly Thorpe and Jessica Francombe-Webb. <https://blogs.lse.ac.uk/lsereviewofbooks/2020/06/19/book-review-new-sporting-femininities-embodied-politics-in-postfeminist-times-edited-by-kim-toffoletti-holly-thorpe-and-jessica-francombe-webb/>
- J.R. (1981, 8 de dezembro). Futebol feminino. Boa presença do C.S. Marítimo no Continente. *Jornal da Madeira*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1981/PT-ABM-COLJOR-1085_19811208.pdf
- Jaeger, A.A., Botelho Gomes, P., Silva, P. & Vilodre Goellner, S. (2010). Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. *Movimento*, 16 (1), 245-267. ISSN: 0104-754X. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115312527014>
- Jagose, A. (2005) [1996]. *Queer Theory. Na Introduction*. New York University Press.
- Jornal da Madeira (1972, 14 de fevereiro). *O Futebol. Importante fenómeno social*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1972/PT-ABM-COLJOR-1037_19720214.pdf
- Jornal da Madeira (1976, 16 de janeiro). *Correr é saudável...* https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1976/PT-ABM-COLJOR-1062_19760116.pdf
- L. (1973, 18 de abril). Futebol Feminino reconhecido oficialmente pela U.E.F.A. *Jornal da Madeira*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1973/PT-ABM-COLJOR-1051_19730418.pdf
- Laezza, M. (2022, 13 de outubro). Mais um feito: Portugal alcança melhor posição de sempre no ranking da FIFA. *O Jogo*. <https://www.ojogo.pt/especiais/futebol-feminino/mais-um-feito-portugal-alcanca-melhor-posicao-de-empres-no-ranking-da-fifa-15251126.html>
- Laqueur, T. (2003) [1992]. *Making SEX. Body and Gender from the Greeks to Freud*. Harvard University Press.

- Louro, G. L., Neckel, J. F. & Goelner, S. V. (Orgs.). (2013). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação* (9ªed.). Vozes.
- Lorber, J. (1994). *Paradoxes of Gender*. Yale University Press.
- Macedo, A.G. & Amaral, A.L. (Org.). (2005). *Dicionário da Crítica Feminista*. Edições Afrontamento.
- MAISFUTEBOL (s.d.). Portugal: o guia. <https://maisfutebol.iol.pt/dossier/portugal-o-guia/649d8a47d34ef47b875560c9>
- Mâncio, R. (1976, 14 de janeiro). A mulher e o desporto na escalada da participação. *Jornal da Madeira*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1976/PT-ABM-COLJOR-1062_19760114.pdf
- Mâncio, R. (1976, 27 de maio). Desporto Escolar. Campeonatos distritais. *Jornal da Madeira*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1976/PT-ABM-COLJOR-1063_19760527.pdf
- Manchester FA (2001-2023). The UEFA Women's Euro 2022 - Role Models Campaign. <https://www.manchesterfa.com/news/2021/jun/18/role-models-campaign>
- Manuel, C. (2004, 28 de setembro). Equipa Feminina foi apresentada. C. Pereira «ressuscita» sonho de Marianela. *Notícias da Madeira*, p.13.
- Marítimo Training Lab* (s/d). Laboratório de inovação e investigação da performance no futebol. <https://maritimotraininglab.pt/>
- Marketing Communication News* (2022, 10 de março). *An Entire Week of Only Women Athlete's News. The Portuguese NGO Raparigas Da Bola Hacked Portugal's Leading Sports Newspaper*. <https://marcommnews.com/an-entire-week-of-only-women-athletes-news-the-portuguese-ngo-raparigas-da-bola-hacked-portugals-leading-sports-newspaper/>
- Martins, L. T., & Moraes, L. (2014). O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*, 10(1), 69–82. <https://doi.org/10.5216/rpp.v10i1.33360>
- Martins, M. M. (2013). *Desenvolvimento do desporto: a situação e o nível desportivo do futebol e futsal feminino em Portugal*. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. <http://hdl.handle.net/10400.5/5196m>

- Ministra Adjunta e dos Assuntos Parlamentares. (2023). Relatório e Recomendações do Grupo de Trabalho para a Igualdade de Género no Desporto. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDa1NAQAn5sHxQUAAAA%3d>
- Monteiro, P. (2012). *Imagem da Imagem*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Müller, D. (2008). *Le football, ses dieux et ses demons. Menaces et atouts d'un jeu déréglé*. Labor et Fides.
- Nettie Honeyball (2022). https://en.wikipedia.org/wiki/Nettie_Honeyball.
- Neves, J. (2022). Uma história política do futebol. *Electra*, (17)149-160. Fundação EDP.
- Neves, J. & Domingos, N. (2004). A época do futebol. O Jogo Visto pelas Ciências Sociais. Assírio e Alvim.
- Observador (2023, 5 de abril). “*Eu não quero cargos, quero influenciar*”, afirma Lise Klaveness. Norueguesa candidatou-se ao Comité Executivo da UEFA mas não foi eleita. <https://observador.pt/2023/04/05/eu-nao-quer-cargos-quer-influenciar-afirma-lise-klaveness-norueguesa-candidatou-se-ao-comite-executivo-da-uefa-mas-nao-foi-eleita/>
- O Contacto (2021, 28 de abril). *Lusodescendente Sonia Bompastor é a primeira mulher a treinar equipa feminina do Lyon*. <https://www.wort.lu/pt/desporto/lusodescendente-sonia-bompastor-e-a-primeira-mulher-a-treinar-equipa-feminina-do-lyon-60894128de135b9236554c78>
- O Jogo (2022, 20 de abril). *Antes de sair, quero ganhar alguma coisa com as cores do Marítimo*. <https://www.ojogo.pt/especiais/futebol-feminino/antes-de-sair-quer-ganhar-alguma-coisa-com-as-cores-do-maritimo-14783635.html>
- O Jogo (2023, 7 de fevereiro). Fernando Gomes assume igualdade de género como uma das prioridades da FPF. <https://www.ojogo.pt/futebol/noticias/fernando-gomes-assume-igualdade-de-genero-como-uma-das-prioridades-da-fpf-15796782.html>
- O Jogo (2023a, 5 de abril). *Aleksander Ceferin continua na presidência da UEFA até 2027*. <https://www.ojogo.pt/internacional/noticias/aleksander-ceferin-continua-na-presidencia-da-uefa-ate-2027-16125650.html>
- O Jogo (2023b, 5 de abril). “*É um problema, o futebol nunca teve mulheres nos principais*

- cargos de decisão*”. <https://www.ojogo.pt/internacional/noticias/e-um-problema-o-futebol-nunca-teve-mulheres-nos-principais-cargos-de-decisao-16127144.html>
- Omena, M. (2021, 1 de abril). A jogadora Megan Rapinoe fala sobre a luta pela igualdade dentro e fora do campo. *Forbes*. <https://forbes.com.br/videos/2021/04/a-jogadora-megan-rapinoe-fala-sobre-a-luta-pela-igualdade-dentro-e-fora-do-campo/>
- Outraged. Football tecklas discrimination (2020, dezembro 20). [Filme]. UEFA.TV. <https://www.uefa.tv/video/vod/396790/>
- Pereira, N. (2022, 8 de julho). *Futebol feminino recebe visita da FPF*. <https://www.csmaritimo.org.pt/futebol-feminino-recebe-visita-da-fpf/>
- Pereira, S. (2022, 19 de fevereiro). Mãe, mulher e futebolista: a portuguesa que é um raio de esperança. *TVI Notícias*. <https://tvi.iol.pt/noticias/entrevista/jogadoras/mae-mulher-e-futebolista-a-portuguesa-que-e-um-raio-de-esperanca>
- Pimentel, I.F. (1998). A Mocidade Portuguesa nos dez primeiros anos de vida (1937-1947). *Penélope*. Fazer e Desfazer a História, 19-20.
- Pimentel, I.F. (2000). *História das Organizações Femininas do Estado Novo*. Temas e Debates.
- Pires, F.L. (2022). *Ser ator em Portugal*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Pires, G. (2017, março 7). Pierre de Coubertin e a Competição Desportiva entre as Mulheres. *A Bola*. <https://www.abola.pt/nnh/2017-03-07/olimpismo-pierre-de-coubertin-e-a-competicao-desportiva-entre-as-mulheres-artigo/659618>
- Plagia, C. (2018). *Mulheres livres, Homens Livres. Sexo, Género e Feminismos*. Quetzal.
- Pfister, G. (2002). *Sport and socialisation – a gender perspective*, Presentation on the Seminar “idrett mellom moral, politikk of profit” Lysebu, 22-24, november.
- Portugal Football Observatory (2021). Como angariar e reter mais no Futebol Feminino? https://fpfobservatoryfilesprd.blob.core.windows.net/files/hnwcjalx.mcu_OBS01_FutebolFeminino_PDF_envio.pdf
- R. (1971, 1 de janeiro). Joga futebol tão bem que as adversárias afirmam que ela é um rapaz. *Jornal da Madeira*. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1971/PT-ABM-COLJOR-1029_19710101.pdf
- Record (2022, 30 de junho). *Marítimo inclui-se na categoria de campeão nacional*.

- <https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-bwin/maritimo/detalhe/maritimo-alheio-a-decisao-da-ag-da-fpf-e-inclui-se-na-categoria-de-campeao-nacional>
- Record (2023, 7 de fevereiro). Unanimidade sobre o tema: «Igualdade de género no desporto está melhor, mas ainda há um caminho longo a percorrer». <https://www.record.pt/fora-de-campo/detalhe/unanimidade-sobre-o-tema-igualdade-de-genero-no-desporto-esta-melhor-mas-ainda-ha-um-caminho-longo-a-percorrer>
- Revista Marítimo (2022). *O maior das ilhas recebido em festa na Escola do Covão*. (13) 18-19. <https://www.csmaritimo.org.pt/wp-content/uploads/2022/05/REVISTA-MARITIMO-1.pdf>
- Ribeiro, J. R. (2014, 7 de maio). Primeira mulher a treinar um clube francês é portuguesa. *Público*. <https://www.publico.pt/2014/05/07/desporto/noticia/primeira-mulher-a-treinar-um-clube-frances-e-portuguesa-1634952>
- RichestInfluencercom (2022, 31 de março). Lise Klaveness FULL SPEECH at FIFA Congress [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=W-JjNPV5BMs>
- Rodrigues, D. (s.d.). *História do Club Sport Marítimo - 1910.2000*. Diário de Notícias.
- Rosa, V. (2020). *O desporto em análise*. https://www.academia.edu/41545091/O_desporto_em_an%C3%A1lise
- Salvini, L. & Marchi Júnior, W. (2013). Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. *Movimento*, 19(1), 95-115. ISSN: 0104754X. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115325713006>
- Santos, A.C. (2006). Estudos queer: Identidades, contextos e acção colectiva. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (76). DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.813>
- Santos, B.S. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. (pp. 237-280). *Revista Crítica de Ciências Sociais*. <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>
- Santos, B.S. (2006). *A Gramática do Tempo - para uma nova cultura política*. Edições Afrontamento.
- Santos, F. (1989). *História Lúdico-Desportiva da Madeira*. Governo Regional da Madeira. Secretaria Regional da Educação Juventude e Emprego.
- Sapo Desporto (2023, 27 de fevereiro). *Adriana Lima escolhida pela FIFA como*

<https://desporto.sapo.pt/futebol/internacional/artigos/adriana-lima-escolhida-pela-fifa-como-embaixadora-global-dos-adeptos>

Saraiva, J.A. (2022, 20 de julho). Impingir o futebol feminino. *SOL*.

<https://sol.sapo.pt/artigo/776761/impingir-o-futebol-feminino>

Sérgio, M. (1971, 4 de janeiro). A mensagem de ano novo do Chefe de Estado. *Jornal da Madeira*. [https://biblioteca-](https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1971/PT-ABM-COLJOR-1029_19710104.pdf)

[abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1971/PT-ABM-COLJOR-1029_19710104.pdf](https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1971/PT-ABM-COLJOR-1029_19710104.pdf)

Sérgio, M. (2015). *O Futebol e EU*. Prime Books.

Sérgio, M. (2018, 14 de janeiro). Carta Aberta ao Doutor António Damásio. *A Bola*.

<https://www.abola.pt/nnh/2018-01-14/espaco-universidade-carta-aberta-ao-doutor-antonio-damasio-artigo-de-manuel-serg/711059-historia-de-uma-vida-interrompida-1778120>

Silva, H.T. (2021, 31 de outubro). Jéssica Silva: “Dá-me algum gozo ser negra, futebolista e ter sucesso. Quero mostrar que também podemos”. *Jornal Expresso* (pp. 36-37).

Silva, M. (1972, 10 de maio). O futebol feminino Na Madeira, foi novidade e poderá em breve ser uma realidade. *Jornal da Madeira*. [https://biblioteca-](https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1972/PT-ABM-COLJOR-1039_19720510.pdf)

[abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1972/PT-ABM-COLJOR-1039_19720510.pdf](https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/JornalDaMadeira/1972/PT-ABM-COLJOR-1039_19720510.pdf)

Silva, P. (2011). Género e desporto. *Plataforma Barómetro Social*.

<http://www.barometro.com.pt/2011/07/12/genero-e-desporto/>

Sousa, M. (2022). A alimentação e a nutrição no futebol. Estratégias e evidência.

<https://www.yumpu.com/pt/document/read/66733056/fpf360-n10-ciencia-e-futebol>

Sousa, N. (2017, 6 de julho). Selecção feminina, a história de uma vida interrompida.

Público. <https://www.publico.pt/2017/07/06/desporto/noticia/selecao-feminina-a-historia-de-uma-vida-interrompida-1778120>

Sousa, V. (2022, 12 de março). *Maior das ilhas recebido em festa na Escola do Covão*.

<https://www.csmaritimo.org.pt/maior-das-ilhas-recebido-em-festa-na-escola-do-covao/>

Spivak, G.C. (2021) [1999]. *Pode a Subalterna Tomar a Palavra?* Orfeu Negro.

Tiesler, N.C. (2012). Diasbola: futebol e emigração portuguesa. *Etnográfica*, vol.

16 (1). <https://doi.org/10.4000/etnografica.1391>

- Tiesler, N.C. & Coelho, J. N. (2006). O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica. *Análise Social*, (179), 313-343.
http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000200001&lng=pt&tlng=pt.
- Tozze, H. (2021, 15 de julho). Os marcos da inclusão feminina nos Jogos Olímpicos ao longo dos anos. *Revista Marie Claire. Globo*.
<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2021/07/nem-sempre-olimpiadas-foram-lugar-de-mulher-aqui-os-marcos-da-inclusao-feminina-nos-jogos.html>
- Tribuna Expresso (2022, 22 de fevereiro). “Quando nós ganhamos, todas ganham”: Seis anos depois, a seleção feminina dos EUA conquistou a igualdade salarial.
<https://tribuna.expresso.pt/expresso/2022-02-22-quando-nos-ganhamos-todas-ganham-seis-anos-depois-a-selecao-feminina-dos-eua-conquistou-a-igualdade-salarial>
- UEFA (2014, 2 de janeiro). Raízes. <https://pt.uefa.com/insideuefa/news/0211-0f8a348c8797-a61d049a1203-1000--raizes/>
- UEFA (2019, 17 de maio). Time for Action: primeira estratégia da UEFA para o futebol feminino apresentada. <https://www.uefa.com/insideuefa/about-uefa/news/0251-0f8e6ba3b2cf-973870f255a4-1000--time-for-action-primeira-estrategia-da-uefa-para-o-futebol-/>
- Vicente, L. (2019). *Feminismos de A a Ser*. Objectiva.
- Vieira, T. M. & Mezzari, D. C. S. (2019). Futebol de mulheres: a insurgência do corpo e o questionamento do binário. *Arquivos em Movimento*. Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos, 15, (1).
<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/21623>
- Wolf, N. (1992). O Mito da Beleza. Como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Rocco.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Inquérito por questionário a antigas atletas de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo*

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO⁵¹

Nome: _____

Data de Nascimento: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Contato: _____

Email: _____

* * *

Como chegou até ao clube? _____

Qual a motivação para iniciação da prática desportiva de futebol? _____

Com que idade iniciou a atividade no clube? _____

Teve apoio familiar? _____

Que escalão integrou? _____

Como classifica os locais de treino à altura? (razoável, bom, muito bom) _____

Em que dias da semana treinavam? _____

A que horas treinavam? _____

Tinham prioridades por serem mulheres? (Sim/Não) _____

Os treinos eram exclusivamente entre mulheres? (Sim/Não) _____

Se respondeu Não, como reagiam ao treinar com homens? _____

* * *

⁵¹ Pesquisa para a Dissertação de Mestrado de Ana Balbina Gonçalves em Estudos sobre as Mulheres: Género, Cidadania e Desenvolvimento.

O projeto do Futebol Feminino era visto como um projeto individual do diretor ou do clube?

Como avalia a qualidade dos equipamentos fornecidos? (Razoável/Boa/Muito boa)

Quem disponibilizava os equipamentos de treino? _____

Quem disponibilizava os equipamentos de jogo? _____

Havia equipamentos específicos para as mulheres? _____

* * *

Como se deslocava a equipa para os jogos? _____

Que tipo de apoio dispunham da associação de futebol da Madeira? _____

* * *

Quanto ao número de equipas, como avaliava a competição? _____

Onde estavam sediadas as equipas que integravam a competição? _____

Era uma competição regional ou nacional? _____

A competição regional deu-lhe visibilidade a nível nacional? (Sim/Não) _____

Se Sim, em que momento? _____

Que tipo de público assistia à modalidade de Futebol Feminino? _____

Quanto tempo representou o “seu” clube? _____

Acompanha atualmente a competição? _____

Jogar futebol foi-lhe útil para o futuro pessoal e profissional? _____

Foi alguma vez convidada a participar nas atividades do clube? (Sim/Não)

Participa atualmente atividades do clube? _____

Como avalia o desempenho da atual equipa de futebol feminino do *Club Sport Marítimo*?

Se tiver algo que queira acrescentar, utilize estas linhas para o fazer.

APÊNDICE II

Inquérito por questionário a atuais atletas de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo*

Inquérito - Jogadoras *Marítimo*

(utilizando o *Google Forms*)

Pesquisa para a Dissertação de Mestrado de Ana Balbina Gonçalves

Identificação

Nome

Data de nascimento

Profissão

Escolaridade

Naturalidade

Nacionalidade

Contacto

E-mail

Sobre a atividade no *Club Sport Marítimo*

Qual a motivação para iniciação da prática desportiva de futebol?

Como chegou ao *Club Sport Marítimo*?

Com que idade iniciou a atividade no *Club Sport Marítimo*?

Teve apoio familiar?

Que escalão integrou quando iniciou a atividade no *Club Sport Marítimo*?

Como avalia os locais de treino? (de 1 a 5 entre Muito Fraco e Muito Bom)

Em que dias da semana treina?

A que horas treina?

Os treinos são exclusivamente entre mulheres?

Sobre a modalidade de Futebol Feminino

Como avalia a qualidade dos equipamentos fornecidos? (de 1 a 5 entre Muito Fraco e Muito Bom)

Quem disponibiliza os equipamentos de treino?

Quem disponibiliza os equipamentos de jogo?

Há equipamentos específicos para as mulheres? (Sim/Não)

Como se desloca a equipa para os treinos?

Nos treinos, de que tipo de apoio dispõe relativamente a aspetos de ordem:

- Físico
- Psicológica
- Médica
- Outra

Sobre a logística

Como se desloca a equipa para os jogos?

Nos jogos, de que tipo de apoio dispõe relativamente a aspetos de ordem:

- Físico
- Psicológica
- Médica
- Outra

Como vê a atuação e contribuição da Federação Portuguesa de Futebol?

Quanto às competições

Quanto ao número de equipas, como avalia a competição? (de 1 a 5 entre Muito Fraco e Muito Bom)

A competição que integra dá-lhe visibilidade internacional? (Sim/Não)

Se respondeu "Sim" diga em que momento e como?

É ou ambiciona ser profissional de futebol? (Sim/Não)

Sabia que a Federação de Futebol nos Estados Unidos da América anunciou a igualdade salarial em atletas homens e atletas mulheres? (Sim/Não)

Sabia que a Federação Inglesa de Futebol vai tornar obrigatória a licença de maternidade em todos os contratos? (Sim/Não)

Que tipo de público assiste à modalidade de Futebol Feminino?

História da modalidade no *Club Sport Marítimo*

Sabia que, no *Club Sport Marítimo*, existe a modalidade de Futebol Feminino, desde os anos 70/80? (Sim/Não)

Sabia que, nos anos 80, o *Club Sport Marítimo* teve a primeira atleta internacional de Futebol Feminino? (Sim/Não)

Sabia que duas atletas do *Club Sport Marítimo* participaram no 1º Torneio Nacional de Futebol Feminino? (Sim/Não)

Se tiver algo que queira acrescentar, utilize estas linhas para o fazer.

ANEXOS

ANEXO I

Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em Estudos de Investigação

Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em estudos de Investigação

Identificação da Investigadora: Ana Balbina Camacho Gonçalves

Título do estudo: Género e Desporto: O caso do Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*

Enquadramento: Estudo efetuado no âmbito da dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres: Género, Cidadania e Desenvolvimento da Universidade Aberta orientado pela Prof.^a Doutora Teresa Joaquim.

Explicação do estudo: Serão efetuados inquéritos por questionário a jogadoras e ex-jogadoras de Futebol Feminino do *Club Sport Marítimo*, como estudo de caso na dissertação. Os inquéritos serão preenchidos, no caso das ex-jogadoras, em papel e, no caso das atuais jogadoras, em formulário Google *online*. Os dados solicitados vão desde a identidade da pessoa que preenche, a questões relacionadas com a prática desportiva em análise e, também, no âmbito do estudo em causa, relativas a questões de género. Quem preenche está informado do fim a que se destinam os dados solicitados. O acesso aos dados será unicamente efetuado pelo investigador e serão destruídos três anos após a defesa da dissertação.

Anonimato e confidencialidade: Garante-se a confidencialidade e uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo, assegurando-se o anonimato (não registo de dados de identificação) e garantindo que a identificação dos participantes nunca será tornada pública, em caso algum. Os contactos serão feitos sempre em ambiente de máxima privacidade, havendo sempre disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas que surjam no âmbito do processo.

(Ana Balbina Camacho Gonçalves)

Declaração de Consentimento

Eu, Nuno Silva, Coordenador do Futebol Feminino no *Club Sport Marítimo*, declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas por Ana Balbina Camacho Gonçalves. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar a participação das jogadoras da modalidade que coordeno no *Club Sport Marítimo* neste estudo, sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito que participem neste estudo e permito a utilização dos dados, que de forma voluntária irão fornecer, confiando em que apenas serão utilizados para fins científicos e publicações que deles decorram e com as garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

(Nuno Silva)

Data: ____ / ____ / 2022